

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º

Endereço Telegrafico: DIBGA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegrafico: DIBGA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

NA sua conferencia, ontem á noite pronunciada na Sociedade de Geografia, perante selectissimo auditorio que o aplaudiu calorosamente, o sr. dr. Vasco Borges disse, entre outras cousas dignas de attenção, o seguinte:

«Um diplomata inglês, em conversa com um dos meus amigos, não ha muito tempo, disse-lhe isto: «Portugal tem um exercito; o que não tem é armamento». E' de registar esta opinião absolutamente justa, a respeito do valor moral dos nossos honens.

Mas, para esse valor moral ter todo o rendimento possível, na emergencia propria, é mister, além de armamento eficaz, dar também aos nossos homens valor fisico e espirito militar. Esse espirito tem que ser o apanagio das actuais juventudes, tanto das que se dirigem á carreira militar como a outras carreiras em ordem a uma Patria maior.

É preciso, inclusive, criá-lo através dum estudo mais profundo, aturado e cuidadoso da Historia Nacional, acabando-se ao mesmo tempo com a vergonha de os estudantes portugueses ingressarem nas Universidades e escolas superiores, quasi completamente ignorantes da historia patria.

Raros estarão em desacôrdo com a doutrina deste trecho — a formação das novas gerações, tanto militares como civis, apoiada no estudo consciencioso da historia Patria.

* * *

EM Madrid faleceu ha três dias um cobrador da Companhia das Aguas do Lozoya, Angel Quiñones Fernandez, que em 1934 fizera testamento deixando duzentas pesetas para os companheiros de trabalho jantarem juntos no dia do seu enterro.

A vontade do defuncto cumpriu-se fielmente, e os cobradores das Aguas do Lozoya reuniram-se ontem num restaurante do castiço bairro madrilenho de Cuatro Camiños. Antes de começarem a comer, guardaram um minuto de silencio pelo falecido; depois, para corresponderem á generosidade do convite postumo, fizeram entre todos uma subscrição para uma missa por alma daquelle que pagou o jantar. E assim ficaram quites o morto e os vivos.

* * *

A «GAZETA de Coimbra» dá uma preciosa indicação acerca da melhoria do tempo. Diz aquelle nosso colega que na cidade do Mondego «já appareceu, abordando os transeuntes e as pessoas que estacionam nos cafés com solicitações para a compra de postais illustrados, um daqueles individuos que se entregam ao desporte de viajar «a pé e sem dinheiro», julgando-se, por isso, no direito de incomodar toda a gente e não raro, quando não são atendidos, dando provas da sua falta de educação. Bastou que o tempo melhorasse para começar a epidemia».

Antigamente dizia-se: «gaivotas em terra, sinal de mau tempo». Agora pode dizer-se: «globe-trotters» na cidade, sinal de bom tempo».

Literatura de amadores?

Chamar á literatura portuguesa, mesmo sem intuito depreciativo, uma «literatura de amadores» — não revelará visão pouco nitida e imperfeitissimo conhecimento do valor e importancia das nossas realizações e das nossas actividades literarias? Parece-me bem que sim.

Não hesita em fazê-lo, todavia o sr. Jean Prévost — autor de muita e merecida fama — nas referencias recentemente publicadas ao tomo da nova «Enciclopedia Francesa», que nos traz o estudo e analyse das varias literaturas do mundo. Observando que não se atende ali bastante «as condições materiais da carreira de artista ou de escritor na sociedade presente», o sr. Jean Prévost diz que se teria podido distinguir mais claramente «as literaturas de amadores, por exemplo a espanhola e a portuguesa» — grandes na poesia, mas pobres no romance — das «literaturas profissionais», tais como a inglesa e a russa, evidentemente ricas de romances e romancistas.

Ficamos em boa companhia, não ha duvida, e não nos maguará, decerto, a opinião, aliás estranha, do sr. Jean Prévost. Aceitar-se-ia até, facilmente, a destrição entre o nosso «amorismo» e o profissionalismo alheio, se a sua justificação não fôsse a ausencia dêsse genero literario fundamental, essencial, a toda e qualquer literatura moderna digna de attenção e interesse — o romance — e se restringisse unicamente os problemas das condições materiais dos escritores. De facto, é preciso possuir a paixão, o idealismo, a tenacidade desambiciosa do verdadeiro «amador», para trabalhar literariamente na boa terra de Portugal...

Isso não significa, porem, indigencia em qualquer modalidade ou categoria da expressão literaria, de ontem ou de hoje. Grandes na poesia? Já se sabe. Grandes no romance? Porque não? Camilo, Eça, Teixeira de Queiroz, no seculo XIX, Aquilino, Ferreira de Castro e a pleiade de gente moça magnificamente afirmada a cada passo — além doutros contemporaneos que se tornaria longo citar — não constituem uma galeria de nomes gloriosos, — e não nos oferecem uma grinalda de obras, iguais em brilho, em originalidade, em penetração psicologica, em emoção e imaginação ás melhores da Europa? Assim as lessem no estrangeiro, que logo atingiriam a influencia social e o prestigio dos romances dum Flaubert, dum Hardy, dum Tolstoi, dum Meredith, duma Lagerlöf, dum Gorky... Considerar amadores genios e talentos dessa estirpe é como negar a Columbano, a Antonio Carneiro, a Silva Porto, e aos seus émulo vivos, a qualidade de profissionais. E se elles o não são, e não representam casos isolados, mas os marcos mais altas duma continuidade criadora, nunca interrompida nem enfraquecida durante os ultimos cento e tantos anos em que o romance tem dominado e caracterizado a vida a evolução das maiores literaturas do globo — não é uma «literatura de amadores» a literatura portuguesa, excepto na triste situação financeira de quantos honram o país com o esforço, as vigílias, a nobre elevação do seu espirito.

O sr. Jean Prévost erra no criterio que serve de base á sua classificação. Dêsse erro nos queixamos, pois, e mais devem queixar-se os nossos vizinhos e amigos espanhois. Se não conquistámos ainda as vantagens praticas, inerentes lá fora ao trabalho dos escritores e dos artistas, não queremos ao menos perder o legitimo direito de enfileirar, em tudo e por tudo, ao lado dos povos detentores e afirmadores de multipla e complexa invenção artistica e intelectual...

JOAO DE BARROS

OS tuberculosos do hospital de Santa Marta pedem-nos que, para suavizarem um pouco a sua negra desgraça, lhes consigamos um aparelho de T. S. F.

A enfermaria das mulheres já, no ano passado, foi atendida pela Casa Filips que lhe satisfaz, magnanimamente, os desejos.

A dos homens, porém, encontra-se sem musica — como quem diz, sem o minimo de consolação necessaria para suportar as horas de incerteza ou de desesperança.

Não haverá alguém que se compadeça dos desherdados da vida, dando-lhes assim um vago perfume de felicidade terrestre?

* * *

A COMISSÃO incumbida de proceder ao estudo da defesa passiva das populações civis contra os ataques aereos, em caso de guerra, já entregou o seu relatório e nele se pronunciou pela instrução das referidas populações, como era natural.

Assim pensámos nós quando ha tempos tentámos lançar a sugestão de exercicios publicos com a colaboração dos serviços organizados, instruções para a defesa dos civis, criação de abrigos e utilização de mascaras.

E vem a proposito perguntar porque se não facilita ao publico a aquisição de mascaras contra gases?

* * *

PELO ultimo recenseamento, feito este ano, verifica-se que a população de Berlim é de 4.424.874 habitantes, ou seja mais 225.000 que no recenseamento do ano passado.

Berlim fica sendo, deste modo, a quarta cidade do mundo, depois de Londres (8.202.818 habitantes), Nova York (6.930.444) e Toquio (5.312.000).

E Paris?, preguntará o leitor. Paris não excede três milhões de habitantes, porque no recenseamento da capital francesa não se inclui a população dos arredores que já fazem parte da cidade, como succede com as outras capitais.

* * *

O DR. Antonio Lino Neto publicou Elementos de Economia Politica — ou seja a essencia das suas idéas de professor desta disciplina, na Universidade Tecnica de Lisboa. Eis um trabalho que se impõe como exemplo de cultura scientifica e como esforço de applicação á realidade actual dos principios rigidos da economia classica. E' necessario, util e oportuno — destinado, portanto, a honrar a didactica nacional.

* * *

O «DIARIO da Manhã» mudou de director: ao sr. dr. Miguel Braga succedeu o sr. dr. Pestana Reis. Sentindo que o primeiro, nosso velho amigo, deixasse um posto que soube honrar, saudamos no segundo um jornalista notavel cujas relações de camaradagem manteve sempre com muita distincção.

TEATROS E CINEMAS

O teatro português visto por um estrangeiro

O «Echo de Viena» publicou num dos seus últimos números um interessante artigo sobre o teatro português, da autoria do jornalista austriaco W. M. Ullmann, que se encontra actualmente entre nós.

Depois de se referir, dum modo geral, às peças que se representam nos palcos portugueses, na sua maioria traduzidas do francês e do espanhol, o jornalista fixa as características do nosso teatro de revista, de feição popular, mesmo quando pretenha dar a ilusão duma elegancia cosmopolita e mundana.

Neste capítulo, refere-se com elogio a Beatriz Costa, a mais popular e a mais expressiva das nossas «vedetas» de «music-hall».

Analisando o teatro sério o articulista consagra as mais elogiosas referências à acção desenvolvida por Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro, que conseguiram imprimir às representações do teatro Nacional uma expressão artística superior, quer na apresentação de originais portugueses, quer na tradução de peças estrangeiras, como «Mademoiselle», a cuja tradução se refere com o maior elogio.

O artigo termina por uma apreciação crítica da peça de Alfredo Cortez, «Tá-Már», que reputa «capaz de suportar uma comparação com as grandes obras dos maiores poetas dramaticos da literatura europeia contemporânea, assim como a representação do teatro Nacional suporta bem uma comparação com os teatros das grandes capitais da Europa».

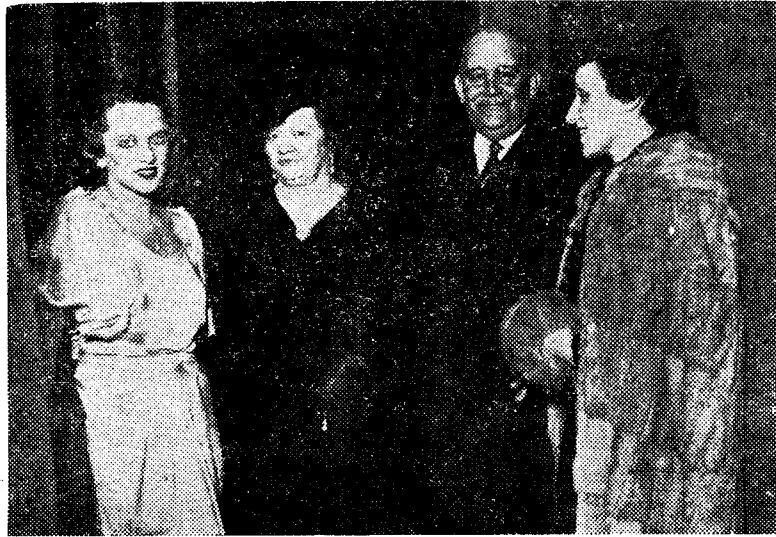
A festa de Maria Helena, segunda-feira, no Avenida

Prepara-se uma linda noite para segunda-feira no Avenida. Festeja-se a nossa mais linda, mais portuguesa e mais formosa actriz: Maria Helena, filha da grande artista Maria Matos, que realiza a sua festa artística com um programa monumental, que contentará todo o publico distinto e elegante da capital. Maria Helena vai realizar nessa noite, cedida por sua mãe, a protagonista da celebre peça «Malvalouca», participando igualmente no episodio alegre, em 1 acto, «Uma mulher de virtude», na qual faz a sua reaparição o grande actor comico Nascimento Fernandes. Completa este espectáculo unico um brilhante «Fin de Festa» realizado pelos artistas espanhóis que se encontram entre nós filmando «O Bocage».

Atrás do reposteiro

Foi fixada para estrear, no dia 8 de maio, no teatro Avenida, a companhia organizada pela empresa José Loureiro, que tem como figuras principais Beatriz Costa e Nascimento Fernandes. Os ensaios começam no dia 13 do corrente. Por este motivo, a companhia Maria Matos termina a sua temporada.

A proxima temporada de Paulina Singerman NO TRINDADE



Paulina Singerman e sua irmã Berta Singerman ladeando o Presidente da Republica Argentina e sua esposa ao centro desta gravura

Tudo se prepara para a seja uma grande temporada toda a curta série de espectáculos que ao nosso elegante teatro da Trindade vem realizar, desde Sabado de Aleluia, a companhia argentina que traz como empresaria e «vedeta» a eminente artista Paulina Singerman. Para as seis réclitas de assinatura continua aberta a respectiva folha, neste teatro, já recoberta de nomes dos mais representativos na nossa melhor sociedade. Para as seis réclitas extraordinarias disputam-se já todas as preferencias. E' que Paulina Singerman é uma senhora da melhor sociedade de Buenos Aires e la como em toda a parte onde vai levar a sua Arte, os seus espectáculos têm sempre o maior cunho de elegancia e de beleza, que o publico torna ainda mais belos e elegantes com a sua concorrência desusada, exibindo as damas as mais ricas e custosas «toilettes». A quando da sua partida para a Europa, o sr. Presidente da Republica Argentina e sua esposa deram-lhe a honra de a receber no seu palacio, bem como a sua irmã Berta Singerman, a grande declamadora, conforme se verifica da gravura que acima vai publicada. Ao bota-fora, no respectivo cais de embarque, a melhor gente da cidade prestou a Paulina Singerman as suas homenagens, numa manifestação de carinho e de ternura que foilargamente noticiada nos jornais. Paulina Singerman terminou depois de amanhã a sua actuação no Alkazar de Madrid, devendo chegar a Lisboa com os artistas da sua companhia, na proxima terça-feira.

rada, neste teatro, no final do mês corrente, estreando-se no Sá da Bandeira, do Porto, no referido mês de maio.

— O Trindade inaugura a sua temporada de primavera no dia 28 de abril, sob a direcção artistica de Erico Braga, fazendo parte do elenco Lucilla Simões, Irene Izidro, Maria Sampaio, Hortense Luz, Erico Braga, Clemente Pinto, Alexandre de Azevedo, Abilio Alves, Luiz de Campos e outros elementos a contratar para a peça de estreia, a comedia em 3 actos, «El gran ciudadano», que está sendo adaptada pela parceria Lino Ferreira e Fernando Santos.

— A «vedeta» Beatriz Costa recebeu do Rio de Janeiro, por intermedio do empresario e nosso amigo José Loureiro, uma proposta para ir áquela cidade participar de um filme que ali se vai realizar.

— Está quasi concluido o teatro desmontavel cor: o qual, oficialmente, se projectam realizar espectáculos de caracter cultural, em todo o país, sob a direcção do Secretariado da Propaganda.

— Na primeira quinzena de maio realizar-se-á uma série de espectáculos, no Avenida, de Coimbra, por uma companhia de comedias de Lisboa.

— Erico Braga fará amanhã entrega do Gimnasio á respectiva empresa proprietária, tendo terminado com esta o seu contrato.

— Prosseguem, com a maior actividade, os ensaios da peça «Maria Migalha», linda historia para crianças, da autoria de Virgí-

nia Lopes de Mendonça e Laura Chaves.

— O empresario Jardel Jercolis recebeu em Barcelona outra proposta, para uma «tournée» pelas cidades de Andaluzia.

— Vinda do Caramulo chegou a Lisboa a gentil actriz Irene Velez, filha da artista Elvira Velez.

— Hoje, amanhã e domingo (em «matinée» e «soirée») são as ultimas representações, no Avenida, da comedia «O Sexo Fraco».

— Mirita Casimiro continua sendo a «vedeta» da moda. O seu triunfo no Variedades está arrastando Lisboa para os brilhantes espectáculos de «O João Ninguém».

— E' hoje que se realiza, irrevogavelmente, no Coliseu, a ultima audição do famoso «Requiem», de Berlioz, que tem marcado como um grande triunfo de organização e direcção do dr. Ivo Cruz e é executado por 250 pessoas, o maior conjunto musical que até hoje se tinha reunido no nosso país.

— E' amanhã, no Coliseu, o festival a favor dos Vendedores dos Jornais, em que reaparece a fantasia de grande espectáculo «A Ultima Maravilha», com a colaboração dos nossos melhores artistas de teatro.

— A colossal enchente de ontem obrigou a empresa do Olimpia Club a repetir hoje a festa alentejana, apresentado novo repertorio nesta as gentis artistas Carmen Mayer e Mirentxu.

— Amanhã realiza-se no Capitolio a costumada «Tarde Elegante», nela colaborando a distinta actriz Pais e a «vedeta» de baile internacional Carmen Mayer.

— Regressou do Porto e apresentou-nos cumprimentos, a actriz Elisa de Guisette.

Lisboa continua admirando

Mirita Casimiro

Todas as noites

Duas sessões

8,30 e 11 horas

NO VARIEDADES EM

O João Ninguém

Exprimente UM CIGARRO



UMA VERDADEIRA MARAVILHA!

Pacote de 20 cigarros 5 escudos á venda em todas as tabacarias

Agentes — Tabacaria Inglesa LISBOA

PROGRAMAS DE HOJE

TIVOLI

TELEF. 43151

Vende-se um fantasma

um filme de René Clair com Jean Parker, Robert Donat e Eugene Pallette

A's 21 e 30

CENTRAL

Telef. 2 4281

Romance duma noite

com Liane Hard, Gus. tav Diesel e o comico Paul Kemp

A's 21 e 30

ODEON

Telef. 2 6283

Os ultimos dias de Pompeia

A's 21 e 15

PALACIO

A's 21 e 30

Telef. 47163

um filme historico de imponencia rara e de grande beleza artistica

CAPITOLIO

A's 21

Preços populares

Quatro Irmãs

Maré de Sorte

S. LUIZ

Caprichos de Milionario

A's 21 e 30

com Lili Damita, Jack Buchanan e centenas de girls

CONDES

TELEF. 2 2523

O'hos negros

com Harry Baer e Simone Simon

A's 21 e 15

Lampadas Diabolicas

POLITEAMA

Telef. 2 6305

Sou tua para sempre

com Shirley Temple

A's 21 e 15

Na pista do criminoso

PARIS

As quatro irmãs

Melodia Azul

Telef. 2 6777

TERRASSE

Mascarada

As 21 Telef. 2 0917

O Rapaz milionario

LYS

Telef. 4 8560

As 21 e 15

O Rapaz Milionario

RESSURREICÃO

Teatro Apolo

A's 8 45 e 10,45

2 - S E S S Õ E S - 2

NA FESTA NA MOURARIA

O espectáculo de momento

com Beatriz Costa, Maria Paula, Lina Remoel e Carlos Leal.

AUTOMOBILISTAS!!!

POUEM O SEU DINHEIRO, PREFERINDO

A ESTAÇÃO DE SERVIÇO DA

«GARAGE» LUSITANA, L. DA

TRAVESSA DA GLORIA, 26

(A' Avenida da Liberdade)

Onde encontrarão todos os produtos, os mais acreditados e aos melhores preços; magnificas instalações, com comodidade e vastidão, sendo-lhes feitos vantajosos «bonus» em todas as despesas.

VISITEM, POIS, A

«GARAGE» LUSITANA, L. DA

Telefone 2 5879

Teatro Nacional

TELEFONE 2 0379

Hoje não ha espectáculo — Amanhã e domingo às 21 e 30

O ROMANCE

Grande criação de Amelia Rey Colaço

Amelia Rey Colaço e Robles Monteiro

APRESENTAM DOMINGO, 5 — A's 4 horas

da tarde o novo conto para crianças de

Virgínia Lopes de Mendonça e Laura Chaves

Maria Migalha

com ADELINA ABRANCHES, MARIA LALANDE, JOAO VILLARET, VITAL DOS SANTOS, MARIA BRANDAO

nos principais papeis

DIRECÇÃO MUSICAL DE RENE BOHET

Maquetes e figurinos de JOSE BARBOSA

AVENIDA

Hoje, Amanhã e Domingo

Ultimas, às 9 1/2 horas de

O SEXO FRACO

Segunda-feira, 6:

Festa artistica da actriz

MARIA HELENA

Um programa de grande classe



DESPORTES

O Estadio Nacional

A Junta de Freguesia de Belem, por intermédio do seu presidente, sr. Antonio do Rosario Duarte, officiou a direcção geral de saúde chamando a sua atenção para o facto de se pretender construir o Estadio Nacional no Vale Jamor, freguesia de Carnaxide, sem se considerarem de antemão as condições de hygiene e salubridade do local.

No entender da aludida junta, o local escolhido antes, pela comissão para esse efeito nomeada em fevereiro de 1934 reúne, sob todos os aspectos vantagens maiores para o fim a que se destina, parecendo-lhe, por isso, de utilidade que a tempo se evite o precalço da colocar o desporto Nacional diante de um facto consumado que, mais tarde, venha a prejudicá-lo sem possibilidades de remédio.

Campeonato da «I Liga»

A undécima jornada do Campeonato da I Liga realiza-se no proximo domingo, com os seguintes desafios:

No Porto (Lima), Boavista-Carcavelinhos; arbitro, Luiz Camana (Santarem); em Setubal (Arcos), Vitoria-Belenenses, arbitro, David Costa (Porto); em Lisboa (Amoreiras), Benfica-F. C. do Porto, arbitro Santos Palma (Santarem); em Lisboa (Campo Grande), Sporting-A. Academica, arbitro J. J. Trindade (Evora).

Campeonato da «II Liga»

Sómente se effectuam quatro desafios da II Liga no proximo domingo.

No Porto (campo do Salgueiros), Salgueiros-Lusitano de Viseu, arbitro Antunes Guimarães (Braga); em Espinho (campo do Avenida), Sporting de Espinho-Sporting de Fafe, arbitro Aureliano Lima (Columbra); em Lisboa (Lumiar), Barreirense-Portalegrense, arbitro Santos Farinha (Santarem); e em Evora (campo Estrela), Lusitano de Evora-Luso de Beja, arbitro Joaquim Ferreira (Setubal).

Importantes desafios de «basket»

No proximo domingo, realiza-se em Lisboa, no Campo do Ateneu, os encontros Porto-Lisboa e Lisboa-Torres Vedras, em «basket-ball».

E' a quinta vez que o Porto-Lisboa se effectua. Os resultados anteriores foram os seguintes: em 1928, no Porto, victoria portuense por 19-8; em 1929, em Lisboa, triunfo lisboeta por 23-15; em 1930, no Porto, victoria portuense por 26-17; e em 29 de março de 1936, no Porto, empate 22-22.

Lisboa apresentará: Feliciano Barbosa, Americo Nunes, Arlindo de Carvalho, José Pereira, José Lopes, Joaquim Barbosa e Joaquim Santos.

E o Porto: Antonio Ferreira, Antonio Mada, João Maria Leite, José Diogo, Manuel Gomes dos Santos, Ferreira Dias e Antonio Oliveira.

O encontro é dirigido pelo sr. Artur de Araújo, da Associação do Porto.

Lisboa-Torres Vedras já se disputou duas vezes, em 1933 e 34, ganhando sempre Lisboa.

Campeonato de «hand-ball»

Os desafios da proxima jornada são os seguintes: Probidade-Os Treze, em primeiras, às 11 e 30, no Lumiar; Academico-Benfica, em primeiras, às 13 e 30, nas Amoreiras; Clube Alemão-Belenenses, em primeiras, às 10 e 15, no Lumiar-A, e em segundas, às 9; Sporting-Carcavelinhos, em primeiras, às 10, no Campo Grande; Operario-Calça, em primeiras, às 9, em S. Vicente; e Gimnasio-Ateneu, em primeiras, às 10, no campo Francisco Lazaro.

Desafios de «hockey»

No campo da Tapadinha, no proximo dia 5, realiza-se um encontro de hockey em campo, em continuação da disputa da Taça Os Sports, entre o Internacional B e o Clube Football Benfica, sob a direcção dos arbitros srs. José Domingos dos Santos e Virgilio Vieira.

De quem é a culpa?...

Todos os dias se queixa de dores no estomago e intestinos, sem inquirir de que, em muitos casos, esses males resultam de não ter procurado a «Chic», para as suas refeições.

Generos de 1.ª qualidade, menus cuidadosamente organizados, Sala ampla sem cheiro ou fumo, tudo concorre para que os seus Almoços e Jantares a 10 escudos sejam preteridos.

A Cidade

PATRIMONIO ARTISTICO

O Museu de Faianças e Azulejos de Lisboa

vai ser em breve uma realidade

afirma-nos o sr. tenente-coronel Pereira Coelho

Ao termos conhecimento de que estava para breve a instalação e inauguração no Palacio Galveias de um valioso repositório de preciosidades artisticas olissiponenses, sob a designação de «Museu de Faianças e Azulejos de Lisboa», decidimos ir ao encontro do sr. tenente-coronel Pereira Coelho, a quem se deve, por proposta aprovada na C. M. L., em Sessão de 25 de abril do ano passado, a ideia feliz da criação do referido museu.

O sr. tenente-coronel Pereira Coelho, como vereador do Pelouro dos Serviços Culturais, dispensa os adjetivos da praxe e a banalidade de uma apresentação.

A população alfacinha e os leitores do «Diário de Lisboa» conhecem este homem de acção e a sua obra, tanto no dominio do cargo que desempenha como no dominio de tudo quanto se relacione com iniciativas de caracter cultural e artistico que possam prender o interesse e educar a sensibilidade do povo.

Está ainda na memoria de todos o retumbante exito desse espectáculo de maravilha, admiravel cenario de cor e movimento, mixto de encanto e arte, que nos proporcionaram as «Festas de Lisboa de 1935» de que o sr. tenente-coronel Pereira Coelho, como presidente da comissão das mesmas, foi o grande animador.

Aos seus esforços sem limites e ao seu espirito culto e despojeado se deve tambem, mais recentemente, a iniciativa patriótica do descerramento da lápide no prédio onde viveu Mouzinho de Albuquerque. Tão justo preito de homenagem a uma das maiores figuras da nossa epopeia colonial constituiu, na tarde de 4 de janeiro ultimo, uma das mais vibrantes e calorosas manifestações que a C. M. L. tem realizado nos ultimos anos.

Voltando, porém, ao caso do museu, fomos encontrar o nosso entrevistado no seu gabinete do Pelouro dos Serviços Culturais dando despacho a varios assuntos que correm pelas suas mãos.

Exposto o objectivo que ali nos levava, acedeu o sr. tenente-coronel Pereira Coelho a conceder-nos a entrevista que ele próprio inicia, nestes termos:

—Se quere saber o que há acerca do Museu de Faianças e Azulejos de Lisboa—será esta, naturalmente, a designação que virá a ter o repositório de velharias e peças de arte a inaugurar brevemente no Palacio Galveias—diz-me-ei que, da visita que há meses fiz com o sr. presidente da Camara, o illustre general Daniel de Sousa, ao velho palacio, resultou a convicção de que o museu, tal como estava organizado, não podia reabrir ao publico, porque embora ali existissem algumas especies raras e de grande valor, outras havia que nada valiam nem justificavam a sua exhibição, pois a maioria, como por exemplo algumas colecções orientais cujo valor artistico e intrinseco está por definir, nem sequer era olissiponense.

—Qual a principal finalidade do novo museu?—inquirimos, então.

—Isolar nos arcos dos salões do Palacio Galveias só faianças e azulejos de Lisboa, de todos os tempos e variedades—responde-nos o sr. tenente-coronel Pereira Coelho.

—Para levar a cabo tão interessante como valiosa iniciativa, com que apoio conta V. Ex.ª?

—Conto com o apoio da Camara, com algumas ofertas particulares, e, sobretudo, com milhares de peças que foram pacientemente colecionadas para figurar no novo museu, pelo sr. Joaquim Leitão, illustre secretario geral da Academia das Ciencias e da Assembléa Nacional e inspector das Bibliotecas, Museus e Arquivos Historicos Municipais, a quem se fica devendo de facto a organização do novo museu como reliquia do passado e síntese da vida artistica de Lisboa em materia de faianças e azulejos.

—E a promiscuidade de especies que se encontram no Palacio Galveias para onde passam?

—Serão resguardadas no Palacio da Mitra, ao Poço do Bispo, onde mais tarde deverá ser organizado um outro museu de varias especies sem obrigação de ser olissiponense.

—Quanto á verba para instalação condigna do Museu de Faianças e Azulejos de Lisboa...

—Já o sr. Joaquim Leitão que tem sido a alma e o grande impulsor desta iniciativa, dispõe da quasi totalidade da verba indispensavel, a qual foi concedida pela Comissão Administrativa do Municipio depois de uma informação favoravel do sr. dr. Ribeiro Ferreira, vereador do Pelouro das Finanças espirito moço e cheio de talento que acompanha sempre com o maior entusiasmo todas as iniciativas de aspectos culturais e artisticos.

Ao que nós acrescentámos:

—E' a geração nova, áqueles que pelo seu valor e intelligencia através dos seus melhores representantes marquem uma posição firme e uma personalidade bem vinculada, que está reservada a hora do triunfo e do futuro nas artes, nas letras, nas ciencias e nos destinos da Nação!

Terminada a entrevista, despedimo-nos com um vibrante aperto de mão do sr. tenente-coronel Pereira Coelho, e, a seu pedido, dirigimo-nos pouco depois para o edificio da Assembléa Nacional onde o sr. Joaquim Leitão, já conhecedor do assunto que ali nos levava, imediatamente nos recebeu.

Informados de que está para breve o acontecimento artistico que será a inauguração do Museu de Faianças e Azulejos de Lisboa, manifestamos o desejo de visitarmos os arcos dos salões do Palacio Galveias, ao que o illustre academico corresponde, prometendo-nos para breves dias, não só todas as facilidades para uma reportagem «in loco» como tambem as suas impressões.

ADÃO DE FIGUEIREDO

Hotel Miramar

MONTE ESTORIL

Hotel Costa. Cintra

MUSICA

«Requiem» de Berlioz

Os espectaculos que a «Sociedade Coral de Duarte Lobo» realizou no Coliseu dos Recreios marcam uma data na historia da vida musical portuguesa da epoca moderna. Nunca assistimos a tão unanime consagração por parte do publico nem a tão consoladora demonstração de faculdades de orientação e de poder organizador dum artista português. O dr. Ivo Cruz, ao mesmo tempo que firmou de maneira definitiva os seus extraordinarios dotes de chefe de orquestra, dirigindo com brilho, emoção, segurança e profundo conhecimento da partitura o «Requiem» de Berlioz, conseguiu imprimir a esta primeira audição o aspecto dum acontecimento nacional, interessando vivamente todas as camadas sociais e tendo uma repercussão em todos os meios artisticos, intelectuais e populares que excedeu largamente o ambito habitual duma iniciativa de caracter particular. Na verdade, a primeira audição do «Requiem» de Berlioz despertou tão grande interesse que o publico esgotou em noites seguidas, a lotação do Coliseu dos Recreios. Por este motivo e por haver grande numero de pedidos, tanto de Lisboa como da provincia, a obra monumental de Berlioz vai ser executada hoje á noite pela ultima vez, no Coliseu dos Recreios. Tomam parte no formidavel conjunto de 250 executantes, dirigido pelo dr. Ivo Cruz, a Sociedade Coral de Duarte Lobo, o Orfeão das Oficinas de S. José, com o solista José Rosa (tenor), uma grande orquestra sinfonica completada com o instrumental extraordinario exigido pela partitura, e 4 fanfarras colocadas em varios pontos da sala. Para que o publico possa seguir a acção dramatica com perfeito conhecimento de texto, a prosa latina figurará no programa acompanhada da tradução portuguesa e duma nota historico-biografica do professor Eduardo Liborio.

Este espectáculo unico e sensacional não será retransmitido pela T. S. F.

Concerto Sinfonico de musica espiritual no São Luiz

Palestrina, o grande musico do século XVI, considerado o longinquo e genial precursor da arte moderna, escreveu outras muitas obras, os famosos officios de Sexta-feira Santa, a pedido do Papa Julio III e que ainda hoje são executados em S. Pedro de Roma e em quasi todas as cidades catolicas. No concerto de musica espiritual que na noite da proxima quarta-feira a grande orquestra Sinfonica da Emissora Nacional, composta de 80 professores sob a direcção do maestro Pedro de Freitas Branco, executa-se pela 1.ª vez essa transcrição do notavel musico alemão J. Schreck para grande Orquestra a celebre pagina «Tenebrae factae sunt» que faz parte desses officios. Alem desta figuram no programa as mais belas obras de musica espiritual de Bach, Schumann, Debussy, Cesar Franck e Wagner, tornando este concerto um extraordinario acontecimento no nosso mundo catolico e artistico. Como é natural os bilhetes que têm preços resumidissimos estão sendo procurados com o maior interesse no camaroteiro do teatro.

SIFILIS

Doenças de pele, doenças nervosas, Arthritismo.

Resultados surpreendentes quando falhados os meios usuais de cura.

Tratamento especial pelos agentes fisicos.

Consultorio Fisioterapico, direcção clinica dos medicos Dr. Carmo Santos, Dr. Salazar Carreira.

Travessa do Cidadão João Gonçalves, 20, 2.ª (ao Intendente)

TELEFONE 4 0270

CHA LI-CUNGO

Qualidade extra fina

Este chá é muito apreciado pelo seu finissimo aroma e delicioso paladar. A venda nos bons estabelecimentos de todo Paiz.

COMPANHIA DA ZAMBEZIA

Porcelanas de Saxe

Sèvres, ou Capo di Monte. Visitem a exposição das ARTES DECORATIVAS
Rua do Ouro

O ACTO DE FORÇA DE HITLER E AS NEGOCIAÇÕES DE LONDRE

Enquanto se procede ao estudo do memorando

realizar-se-ão as conversações entre os Estados Maiores
afirmou Eden, num importante discurso, que proferiu hoje na Câmara d

O embaixador de França em Londres esteve hoje no «Foreign Office»

(Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

LONDRES, 3.—Antes de partir para o aeródromo de Crodon, onde tomou o avião para Paris, a fim de assistir à reunião dos Embaixadores no Quai d'Orsay, convocada por Flandin, o embaixador de França, Charles Corbin, esteve no «Foreign Office» onde conferenciou longamente com o Secretário Permanente do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Vansittart.—(Havas).

Foi publicado um «Livro Branco» sobre as conversações dos Estados Maiores

LONDRES, 3.—Foi publicado, sob a forma de Livro Branco, o texto da correspondência entre o governo inglês e os governos francês e belga acerca das conversações entre os respectivos Estados-Maiores. O documento compreende: uma carta entregue por Eden ao barão Cartier de Marchienne, embaixador da Bélgica, a que se faz referência nas propostas locarnianas, e que contém certas modificações julgadas necessárias; acôrdo transmitido pelo embaixador da Bélgica ao governo inglês; cartas dirigidas ao governo francês e entregues ao embaixador de França, Corbin; acôrdo do governo francês transmitido pelo embaixador de França.—(Havas).

A imprensa francesa continua a afirmar que as propostas alemãs são inacessíveis

PARIS, 3.—Os jornais continuam a frisar que o memorando alemão tem carácter inaceitável. Precisam também a posição que a França tomará a esse respeito.

No «Figaro», Ormesson escreve: «Não nos levarão a ceder um milímetro: ou haverá uma paz verdadeira e válida para todos, ou não haverá paz verdadeira para ninguém. E', portanto, necessário que todas as fronteiras da Europa estejam ao abrigo de qualquer golpe de força».

No «Petit Parisien», Bourguès diz: «O governo francês tomou a excelente resolução de reagir energeticamente e explicar ao mundo como vê o problema da verdadeira paz. Portanto, a réplica francesa não se limitará a refutar o embroglio jurídico da primeira parte da nota alemã, mas pelo contrário conterá uma parte nitidamente construtiva, inspirada na política genebrina e na segurança colectiva. E', porém, necessário não perder tempo e começar-se desde já a reunir os locarnianos, os quais, ao que parece, se encontrarão na próxima quarta-feira em Bruxelas. Os locarnianos não deverão contentar-se com uma simples verificação da carencia do Reich. E' preciso combinar medidas que se imponham para fazer sentir a Berlim que não é impunemente que se violam os compromissos livremente assumidos e que tais actos implicam uma sanção. Os negociadores franceses procederão acertadamente reclamando com extensa firmeza sanções financeiras contra a Alemanha».

O «Matin» confirma, tal como os jornais que é na próxima quarta-feira que os locarnianos se reunirão em Bruxelas.

O «Journal» escreve: «Consta-nos que o governo francês refutará o programa alemão, mas que não

LONDRES, 3.—Anthony Eden, ministro dos Negócios Estrangeiros, fez esta manhã na Câmara dos Comuns varias declarações acerca do memorando alemão e das cartas ontem entregues aos embaixadores francês e belga. Eden referiu-se à entrevista que ontem tivera com o embaixador von Ribbentrop e disse:

«Ao receber ontem no «Foreign Office» von Ribbentrop, afirmei-lhe que, apesar do governo inglês, ter apenas tido tempo de proceder a um exame preliminar das propostas do chanceler Hitler, estas eram desde já encaradas como altamente importantes e por isso mesmo merecendo um estudo mais profundo. A questão que imediatamente surgiu entre nós, foi a de saber qual o primeiro passo a dar nas actuais circunstancias. Era evidente que a primeira coisa a fazer era pôr-nos em contacto com os outros governos, o que, sem duvida alguma, requeria algum tempo. Mas, na verdade, o governo inglês pensa que uma pausa neste momento não seria para desprezar».

Salientei a von Ribbentrop que a nossa objecção, na actual situação, era exactamente a mesma que a anterior, mas que essa objecção se destinava apenas a procurar um meio de levar a bom termo as negociações.

Assim, pedi ao representante de Hitler que informasse o chanceler do Reich de que o governo inglês não pouparia nenhum esforço para atingir esse objectivo. Ao mesmo tempo julguei-me obrigado a fazer vêr ao delegado alemão que, pelo que diz respeito ao período provisorio, para o qual tínhamos pedido qualquer contribuição de boa vontade por parte do governo do Reich, este não viesse ao encontro dos nossos desejos. Assim, a dificuldade em criar esse sentimento de confiança na Europa, tão necessário ao exito das conversações, continuava a existir».

Eden referiu-se, em seguida, á forma como o governo inglês tem contribuído para que se restaure a confiança, primeiro, reafirmando as obrigações de Locarno juntamente com o acôrdo para as conversações entre os Estados Maiores, e depois, tomando certas medidas que serão postas em pratica no caso de fracassarem os esforços de conciliação..

Quanto ás conversações entre os Estados Maiores, Eden frisou que elas serão apenas validas durante o período provisorio, que têm apenas carácter tecnico e que não implicam qualquer obrigação de carácter politico.

«As medidas expressas no projecto de carta dirigida pelo governo britânico aos governos francês e belga, carta que fica apenas ás decisões locarnianas de 19 de março, servem apenas para consulta quanto ás decisões que devem ser tomadas no caso de fracasso da conciliação e dizem

fechará a porta a negociações. A França declarar-se-á pronta a colaborar, no interesse da paz, em qualquer obra realmente construtiva que tenha por fim garantir a segurança de todas as nações, sem excepção alguma»

O embaixador francês não volta tão depressa a Berlim

Pertinax, no «Echo de Paris», diz: «Hitler rejeita o texto que lhe foi apresentado e submete um programa que quasi não tem nenhum ponto comum com o dos locarnianos. Será preciso continuar na troca de pontos de vista? Paris manteve sempre não poder negociar directamente com a Alemanha sob a pressão do «facto consumado». Esta abstenção de principio não impedirá Flandin de expôr os seus pontos de vista no memorando que será entregue em Londres. Bruxelas e Roma. Na reunião da próxima quarta-feira tratar-se-á de precisar o mandato, implicitamente reconhecido á Inglaterra, de conduzir as negociações com o Reich e de terminar como devem ser orientadas Desde que Londres quer prosseguir na sua experiencia até ao fim, seria desejavel que a Hitler fossem feitas perguntas precisas que o obrigassem a mostrar claramente as suas intenções».

Blum, no «Populaire», órgão socialista S. F. I. O., escreve: «A nota ale-

mã não pode servir de base para um entendimento geral europeu. Compete ao governo englobar e absorver a combinação hitleriana de acôrds retalhados, limitados e restritos num sistema de paz completa, paz real e indivisível. Compete ao governo francês proclamar com energia a necessidade dum entendimento geral europeu e fazer sobressair a conexão indissolúvel entre a segurança colectiva e o desarmamento».

Tabouis, na «Oeuvre», diz: «A carta enviada pela Inglaterra aos outros países locarnianos relativamente ás conversações dos Estados Maiores marca um valioso passo na actual acção diplomatica e na organização da segurança colectiva, ligando definitivamente a Gran-Bretanha ao Continente, no caso de violação dos territorios belga e francês». Depois de frisar que este passo representa um malogro para a Alemanha, que tentou até ao ultimo momento impedir que ela se realizasse, madame Tabouis escreve: «Não é de estranhar que o descontentamento em Berlim atinja o paroxismo». Por outro lado crê que François Poncet, embaixador da França em Berlim, depois da conferencia dos embaixadores que hoje se realiza no Quai d'Orsay, entre talvez num longo período de férias antes de regressar á capital do Reich, «onde parece que o não chamam negociações imediatas».—(Havas).

respeito a uma reciprocidade de acada».

O ministro dos Negócios Estrangeiros aos governos francês e belga uma primeira carta-projecto, afirmou que modificações, e que ao entregá-las aos Estados Maiores, não implicava de modo algum, na opinião do governo inglês, um esforço de conciliação a que a Alemanha não se podesse recusar. V. Ex. sabe, recebemos hoje do governo francês, comunicadas já ao governo inglês, que estão sendo cuidadosamente examinadas. O governo de Sua Majestade Britânica para se pôr em contacto com o governo francês, e estabelecer um acôrdo de obrigações expressas no acôrdo de Locarno, no caso duma agressão não-provocada, a honra de salientar que ficamos satisfeitos com a decisão dos Estados Maiores não dá o direito a qualquer medida de carácter politico, a organização da defesa nacional em nome do seu governo, a confirmação de Sua Majestade propõe que as medidas sejam efectuadas em Londres».

Prosseguindo na sua exposição, Eden afirmou que os governos francês e belga confirmaram a reunião dos Estados Maiores.

«Devo mais uma vez repetir, depois de algum tempo, que tudo será feito essencial ao exito das negociações. podem ser consideradas como prejudiciais aos desejos que se realizem».—(Havas).

Eden voltou a confirmar

LONDRES, 3.—Eden recebeu visitas de seguir para a Câmara dos Comuns.—(Havas).

Manifestaram-se divergencias entre os membros do gabinete britânico?

LONDRES, 3.—O «Evening Standard» diz que John Simon, Walter Runciman e Brown, os liberais membros do governo, procuram conseguir o adiamento das negociações entre os Estados Maiores, por ser impossível evitá-las, devido aos compromissos de Locarno. O mesmo jornal diz que os deputados têm recebido centenas de cartas de eleitores manifestando a sua hostilidade a qualquer attitude capaz de envolver a Inglaterra num possível conflito.

O jornal governamental «Daily Telegraph» confirma a existencia de divergencias no seio do governo, no que respeita ás conversações militares, o mesmo jornal diz que o gabinete, no seu conjunto, tem em conta o sentimento popular.—(Americana).

O estabelecimento do serviço militar obrigatorio na Austria

VIENA, 3.—Numa alocução ao Estado Maior da guarnição de Viena sobre a nova lei militar austriaca, o chanceler Schuschnigg declarou:

—Abre-se uma nova era para o Exército austriaco. E' nosso dever lutar para que o quadro que acaba de criar-se seja imediatamente preenchido. Devemos mostrar que estamos decididos a ir para a frente no que respeita ao treino militar do nosso povo. Espero que não nos custará prova-

Barbosa & Costa Lda
Esta casa encarrega-se de modernizar o seu lar com o melhor mobiliário e do mais fino gosto a preços de concorrência.
Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 11
Telefone 23562

São Luiz: HOJE! «Caprichos de Milionario»

Amanhã: **LUCIENNE BOYER**

e a famosa orquestra zingara **ISA VOLPIN**

J.N. Cunha, Lda
Joalheiros 197-A, AURORA-20
Tel 20730

PATISSERIE VERSAILLES

Lanches para casamentos

germanico

Comuns

no caso duma agressão não provocada pelos vitoriosos obtidos pelos italianos na Abissínia e a indignação causada pelos métodos de guerra que têm empregado fizeram recrudescer em Londres o sentimento público contra a Itália. Os meios da União pró-S. D. N. voltaram a fazer campanha a favor das sanções do petróleo contra a Itália. Foi resolvido que brevemente se realize uma grande reunião a fim de tratar do alargamento das sanções.

Em Graham White, o deputado liberal Birkenhead pronunciou ontem à noite, no «National Liberal Club», um discurso em que denunciou os horrores da guerra italo-etíope e proclamou a imperiosa necessidade duma Frente Unica das potências ligadas ao sistema colectivo contra Mussolini e Hitler. — (Havas).

Iniciaram-se as negociações entre o Negus e Badoglio?

LONDRES, 3. — Noticiais ainda não confirmadas dizem que o Negus e Badoglio iniciaram o exame da possibilidade de um armistício. A iniciativa teria partido da Etiópia. — (A.).

Um comunicado de Badoglio
(Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

ROMA, 3. — O comunicado n.º 174 diz o seguinte: «O marechal Badoglio telegrafou a informar que, no sector do lago Achangui, o inimigo se retirou para o sul, perseguido pelas nossas tropas e bombardeado pela aviação. A III brigada eritreia comandada pelo general Cubeddu, reuniu-se à coluna comandada por Starace, e toma todas as disposições para se instalar e organizar na região de Gondar. Na «frente» da Somália nada ha a assinalar. — (Havas).

As perdas registadas na batalha de 31 de março
(Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

QUARTEL GENERAL ITALIANO, 3. — (Do enviado especial da Havas). — As perdas italianas na batalha de 31 de março foram de cerca de 1.200 homens mortos e feridos.

Do lado etíope, além de Ligara e Tesfu, outros chefes importantes encontraram a morte, tais como: Uede Marcos, ministro dos Correios; Avera Tella, chefe político da tribo Azebo-Galas. Esta tribo passou-se para o lado dos italianos, e opôs-se, assim, à retirada das forças de Mulugueta, que massacraram em grande parte. Parece que as tropas imperiais se estão concentrando em volta de Mariam Tchangui, a nordeste do lago do mesmo nome.

E' possível que o Negus queira ainda combater, mas espera-se que o Imperador se resolverá, de preferencia, a pôr a paz. — (Havas).

A princesa de Piemonte em Africa
(Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

ASMARA, 3. — (Do enviado especial da Havas). — A princesa de Piemonte, que se dirige à Somália na qualidade de enfermeira da Cruz Vermelha, chegou esta manhã a Massaua, onde foi recebida pelo duque de Spoleto, almirante Vitorio e o vice-governador da Eritreia.

Uma vez desembarcada, a princesa dirigiu-se ao monumento que recorda a primeira e sangrenta batalha travada para a conquista da Eritreia, onde depôs um ramo de flores. A princesa partirá ainda hoje para Mogadíscio.

Também chegou um batalhão de fuzileiros de marinha de «S. Marcos», que se celebrou durante a Grande Guerra. Vai ser incorporado no I Corpo do Exército, que se encontra no Lago Achiangui. — (Havas).

O CONFLITO ITALO-ETIOPE

O SENTIMENTO DE HOSTILIDADE contra a Italia

recrudesceu na Inglaterra

LONDRES, 3. — A inquietação provocada pelas vitórias obtidas pelos italianos na Abissínia e a indignação causada pelos métodos de guerra que têm empregado fizeram recrudescer em Londres o sentimento público contra a Itália. Os meios da União pró-S. D. N. voltaram a fazer campanha a favor das sanções do petróleo contra a Itália. Foi resolvido que brevemente se realize uma grande reunião a fim de tratar do alargamento das sanções.

Em Graham White, o deputado liberal Birkenhead pronunciou ontem à noite, no «National Liberal Club», um discurso em que denunciou os horrores da guerra italo-etíope e proclamou a imperiosa necessidade duma Frente Unica das potências ligadas ao sistema colectivo contra Mussolini e Hitler. — (Havas).

Iniciaram-se as negociações entre o Negus e Badoglio?

LONDRES, 3. — Noticiais ainda não confirmadas dizem que o Negus e Badoglio iniciaram o exame da possibilidade de um armistício. A iniciativa teria partido da Etiópia. — (A.).

Um comunicado de Badoglio
(Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

ROMA, 3. — O comunicado n.º 174 diz o seguinte: «O marechal Badoglio telegrafou a informar que, no sector do lago Achangui, o inimigo se retirou para o sul, perseguido pelas nossas tropas e bombardeado pela aviação. A III brigada eritreia comandada pelo general Cubeddu, reuniu-se à coluna comandada por Starace, e toma todas as disposições para se instalar e organizar na região de Gondar. Na «frente» da Somália nada ha a assinalar. — (Havas).

As perdas registadas na batalha de 31 de março
(Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

QUARTEL GENERAL ITALIANO, 3. — (Do enviado especial da Havas). — As perdas italianas na batalha de 31 de março foram de cerca de 1.200 homens mortos e feridos.

Do lado etíope, além de Ligara e Tesfu, outros chefes importantes encontraram a morte, tais como: Uede Marcos, ministro dos Correios; Avera Tella, chefe político da tribo Azebo-Galas. Esta tribo passou-se para o lado dos italianos, e opôs-se, assim, à retirada das forças de Mulugueta, que massacraram em grande parte. Parece que as tropas imperiais se estão concentrando em volta de Mariam Tchangui, a nordeste do lago do mesmo nome.

E' possível que o Negus queira ainda combater, mas espera-se que o Imperador se resolverá, de preferencia, a pôr a paz. — (Havas).

A princesa de Piemonte em Africa
(Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

ASMARA, 3. — (Do enviado especial da Havas). — A princesa de Piemonte, que se dirige à Somália na qualidade de enfermeira da Cruz Vermelha, chegou esta manhã a Massaua, onde foi recebida pelo duque de Spoleto, almirante Vitorio e o vice-governador da Eritreia.

Uma vez desembarcada, a princesa dirigiu-se ao monumento que recorda a primeira e sangrenta batalha travada para a conquista da Eritreia, onde depôs um ramo de flores. A princesa partirá ainda hoje para Mogadíscio.

Também chegou um batalhão de fuzileiros de marinha de «S. Marcos», que se celebrou durante a Grande Guerra. Vai ser incorporado no I Corpo do Exército, que se encontra no Lago Achiangui. — (Havas).

O CRIME DE SINTRA

O Instituto de Medicina Legal

enviou às autoridades policiais

o relatório do exame feito às roupas da vítima

O crime de que foi vítima Luiz Uceda continua a ser um problema de solução difícil. Como prová-lo? São muitos os elementos de suspeita, vindos das fontes mais estranhas e colhidos pela Polícia na sua faina, mas pouquíssimos são os que se apresentam com valor provatorio suficiente.

Tudo é misterioso neste caso, até a existência do pobre empregado bancário, que ninguém agora conhece.

Ha pessoas que tudo sabem. Uma vez interrogadas, ou desmentem as frases que lhes são atribuídas, ou dão-lhes um significado completamente diferente. E' esta teia sobre-carregada de denúncias, de cartas anónimas, de contradições e pistas que se apagam, que a Polícia a todo o transe procura romper, convencida de que a verdade ha de, enfim, surgir. Mas quando? — perguntamos sem impaciências que, de resto num caso destes, não se justificam.

O dia de hoje foi animado no Torel. A prisão da sr.ª D. Tereza Uceda, que se encontra em regime de incomunicabilidade numa esquadra e da sua criada Maria Galvão, esta nos calabouços do Torel, provocou varias diligências de certa importancia.

Esta manhã o sr. dr. Figueirinha, acompanhado do agente Paulitos, foi ouvir a mãe da vítima, por lhe constar que ela pretendia fazer a greve da fome, caso não fosse prontamente interrogada. As suas declarações pouco adiantaram.

Limitou-se a declarar que tanto ela, com sua filha, estão inocentes das acusações que lhes fazem.

Em seguida aquele magistrado, acompanhado do agente Paulitos e da presa, foi a casa desta passar uma busca que não deu resultado.

A busca, bem como a prisão daquela senhora, foi determinada pelas declarações da sr.ª D. Maria Nunes a uma sua amiga, quando do aparecimento do cadáver. Teria ela verberado, no sitio onde trabalha, os boatos que corriam sobre a sr.ª D. Maria Luiza Borralho e uma pessoa das relações desta ultima.

A indignação da sr.ª D. Maria Nunes foi tão grande, que teve um ataque de choro, motivo por que uma das suas amigas lhe perguntou:

«Porque estás tão apouquetada? Sabes alguma coisa do crime? Vê lá...»

«Receio que a mãe do Uceda se tenha servido de alguma receita da dr.ª Branca Rumina, sem ela o saber, e tenha morto o filho».

A Polícia ao ter conhecimento desta conversa, chamou a sr.ª D. Maria Nunes que, embora confirmando as suas palavras, deu-lhes um significado completamente diferente.

Outro caso interessante, este sucedido com a criada Maria Galvão.

Alguem foi dizer ao Torel que ela, no mercado 31 de Janeiro, afirmara que o Luiz Uceda fôra morto pela mãe e metido depois numa mala, onde esteve alguns dias, até o abandonarem nas terras do Alto do Forte. Isto era tão grave, que a Maria Galvão foi imediatamente presa, devendo ainda esta tarde ser interrogada. Como pormenor importante, devemos dizer que, na busca passada em casa da sr.ª D. Tereza Uceda, não foi encontrada tal mala.

São estas e outras declarações feitas á Polícia, que, por vezes a têm desorientado nas suas arduas e laboriosas investigações.

A sr.ª D. Laura Ferreira que esteve, ontem, no Torel, desde as 9 até às 20 horas, foi largamente interrogada pe-

lo agente Paulitos. Contou entre outras coisas que, em 30 de dezembro, depois do seu companheiro sair, fôra a casa duma pessoa de familia, dizer que ia lá jantar no dia de Ano Novo, declaração esta que fez pela primeira vez.

O relatório do exame às roupas

O Instituto de Medicina Legal enviou ao juiz da comarca de Sintra e ao sub-director da P. I. C., sr. dr. Figueirinha, o relatório do exame feito às roupas da vítima, assim como aos objectos que lhe foram encontrados nos bolsos.

Os peritos no exame que fizeram á gabardine constatarem que nas costas e na manga direita ela apresentava quatro largos buracos, de três a oito centímetros de diametro. O colete tinha grandes manchas avermelhadas, cheirando fortemente a amoníaco. O casaco estava também rôtô nas costas, e a manga direita separada da aba correspondente.

Diversas peças de roupa apresentavam manchas bem como a carteira e as luvas da vítima.

O agente Rosado Paulitos, acompanhado de varios colegas, está procedendo a varias diligências, que se reputam muito importantes.

Os agentes Anacleto e Hermano ouviram esta tarde algumas pessoas, cujos depoimentos pouco adiantaram.

NOTÍCIAS DO TOREL

EM FLAGRANTE. — Manfredo dos Santos Torres, um dos fugitivos do Torel, e os cadastros, Antonio Luiz, Artur Gonçalves e Henrique Santos foram apanhados em flagrante quando se preparavam para arrombar uma montra da firma B. H. de Almeida, na rua dos Fanqueiros, 73.

ROUBO E ABUSO DE CONFIANÇA. — Deu entrada nos calabouços do Torel Manuel Vasconcelos que roubou a D. Dolores do Carmo a quantia de 1.400\$00 e adquiriu em seu nome varios artigos que vendeu e cujo produto gastou em seu proveito.

ASSALTO E TENTATIVA DE AFOGAMENTO. — Queixou-se á P. I. C. Manuel Correia, morador na Quinta dos Loyos, aos Olivais, que na Azinhaga do Poço dos Córtes foi assaltado por três individuos que o agrediram e roubaram todo o dinheiro, terminando por querer afogá-lo num poço, o que não conseguiram por haver o queixoso resistido.

ABUSO DE CONFIANÇA. — Eduardo Madeira, morador na rua Martins Sarmiento, 40, 2.º, queixou-se contra uma senhora a quem confiou três pares de brincos no valor de 3.500\$00 e que os vendeu, gastando o dinheiro em seu proveito.

ASSALTO E ROUBO. — A P. I. C. queixou-se Manuel Borges Sanches, morador na travessa das Aguas Boas, que na Estrada de Benfica foi assaltado por quatro individuos que violentamente lhe roubaram 1.600\$00.

AMEAÇAS E ROUBO. — Também se queixou D. Henriqueta Lima da Silva, moradora na rua dos Ferreiros á Estrela, contra um individuo com quem viveu maritalmente e que mais duma vez a ameaçou de morte, terminando por abandoná-la depois de lhe haver furtado roupas e varios valores.

Concerto de violino no Casino Estoril

Como noticiámos, ha hoje um valioso concerto de violino pelo tchecoslovaco Pierre Rybar. Também ha cinema e baile com a orquestra Portugal.

Amanhã, sábado, jantar á americana, marcando-se já mesas. O preço é de 30\$00. O traje é de «soirée».

Jóias em platina e negro antigo
Pratas cinzeladas e lacadas

Quere a sorte grande?
Habillte-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

TIVOLI: Uma historia nova no cinema!
Vende-se um Fantasma
A seguir: O mais famoso filme de CLAUDETTE COLBERT
Casou com o patrão

RETIRO DA SEVERA
R. Antonio Maria Cardoso, 5
Solos de viola
Alfredo Costa
Rosa Maria
Julio Proença
ENTRADA FRANCA

PALESTRAS AMENAS

A tecnica das apresentações

Quando nos apresentam alguém, é raro que lhe fixemos o nome, porque estamos sempre na preocupação insincera de dizer: «Muito prazer». Só retemos o nome da pessoa que já conhecíamos—de nome. Ligamos, então, não o nome à pessoa, mas a pessoa ao nome. Caso contrário, assim que o apresentado volta costas, perguntamos ao apresentante, com ar intrigado: «Quem é?»—«É Fulano»—«Ah!...»; e se não for uma pessoa notória, que se recomende por qualquer particularidade, o nome esvai-se da lembrança, como areia entre os dedos. Acrescenta-se à insuficiência da memória verbal a pobreza da memória visual e em breve nos parecerão incógnitos tanto a pessoa como o nome. Quero dizer, voltamos à primeira forma: continuamos a desconhecer o indivíduo apresentado que, por isso mesmo, nos é apresentado repetidas vezes, sem nunca o ficarmos a conhecer em definitivo.

Todavia, momentaneamente, dois desconhecidos postos em contacto por um conhecido comum, trocam expressões de urbanidade, quando até aí ambos evitavam encarar-se. O sentimento de hostilidade, não militante, orgânico, que possuíam um para o outro, desapareceu como por milagre, mercê de um intermediário eventual; e eles que estavam espiritualmente de «pé atrás» vão fisicamente com a «mão à frente». Onde havia reserva, há agora um sorriso, mais ou menos aberto, conforme o estado de dentição de cada um.

Este fenómeno de observação diária foca um dos aspectos da nossa vida de relação. Depois de enunciado nas linhas gerais, falta estudar-lhe certos pormenores constitutivos.

Em primeiro lugar, toda a pessoa que apresenta dois desconhecidos tem o costume demasiado prudente de apontar os respectivos portadores dos nomes que profere, talvez no receio de que eles os confundam e não saibam depois como se chamam. Seria na verdade uma complicação de consequências incalculáveis.

Os nomes compridos são o martírio das apresentações. Quem tem o encargo espinhoso de os dizer, engasga-se fatalmente. É preciso então o socorro do alveado, que corrige sílabas, marca acentos, completa apelidos, rectifica nomes iniciais: «Perdão, Alfredo é o meu irmão; eu sou Julio» ou «João era o meu sogro», etc. A deturpação do nome não vai sem um preconceito de injúria; e chamar Guimarães a um Magalhães é dar aso a um homicídio, involuntário da parte de quem morre.

Se o nome é estrangeiro, é sabido que nunca o apresentante o pronuncia como deve ser, por mais esforços que empregue nesse sentido. Existe sempre um tic, uma graça, uma posição especial da língua, uma percentagem conveniente de saliva, que lhe emprestam todo o sabor e de que o possuidor nos adverte amavelmente: «Não é assim, é assim», exactamente como tinhamos dito, mas sem aquele tic, aquela graça, aquela saliva. Somos levados ao convencimento de que o nome é como o chapéu, que ninguém põe como o próprio.

Entretanto, ambos os apresentados estão de mãos estendidas, à espera que o recitador dê os seus nomes por fim, pois deliberou-se que, antes dessa formalidade preenchida, as mãos não se podem apertar cordialmente. Parece de uma hipocrisia transparente dizer «muito prazer» ou «muita honra», sem que o nome esteja declinado na integra. Deste modo, a simpatia vem, não da «pessoa» que vemos na nossa frente com um sorriso estagnado, a mão suspensa, o olhar fixo, todo ele ansioso por se nos mostrar agradável e que merece a máxima consideração porque não sabemos quem seja (depois de sabermos, retiramos-lha)—mas do «nome», mais especialmente do Silva, do Lopes ou do Correia, que não diz nada e que é comum—como um apelido. O equivoco, como vêem, salta aos olhos.

Mas, ao mesmo tempo, se confessamos um «enorme prazer» ou uma «subida honra» a quem acabamos de conhecer; mais ainda: se a simples «ameaça» de uma apresentação já nos

torna sorridentes, como se explica que acotovelassemos há pouco esse mesmo semelhante, também com enorme prazer e não menos subida honra?

Afinal, não é a «Simpatia» que nos reúne, e que deveria ser a única a presidir à nossa convivência, tornando a vida mais amável, mas tão sómente o «Interesse». Impelidos por ele, já nos podemos dirigir a quem não conhecemos e arriscar um pedido trivial: ou lume para o cigarro, ou o esclarecimento sobre uma rua, ou as horas que são, ou mesmo pedir desculpa. É certo que às vezes também damos. Mas o quê? O que não nos pertence. Damos os «bons dias», as «boas tardes», as «boas noites», produtos, vendidos bem, de uma divisão arbitrária. De onde se conclui este contrasenso: para «pedir» o que nos interessa ou «dar» o que não é nosso é lícito tomar o próximo em consideração; mas para conversar, estabelecer um comércio de idéas gratuitas, exige-se um cerimonial antecipado, com aperto de mão, formulas consagradas e sorrisos amistosos. Quem infringir esta ultima regra sujeita-se a um desaire, a uma desfeita, eu sei lá!, a soluções de continuidade na pele... Só os indivíduos embriagados gozam do privilegio de falar com todos, até mesmo com os candelieiros, que consentem o que eles dizem, dado o mutismo com que invariavelmente os escutam. Por convenção, um bebado nunca pode constituir um exemplo, pois todas as acções dum homem alegre são tomadas á conta de figuras tristes.

Às vezes, nem é preciso falar para desencadear um conflito. Basta um simples olhar, a que se aumenta a dose de fixidez considerada agressiva. É frequente ouvir contar uma historia violenta que tenha a seguinte substancia: «E o cavalheiro a fitar-me sempre, numa provocação». Cheguei-me ao pé dele e perguntei-lhe: «Olga lá! Você conhece-me para estar a olhar para mim?»... Infelizmente só podemos ser olhados por aqueles que nos conhecem, em geral os que nos vêem com piores olhos.

Nas salas, com o belo sexo, dão-se factos analogos. Se convidarmos para dançar uma senhora que nunca nos tivesse visto, dir-nos-á indignada: «Não o conheço!». Mas basta que alguém, que não conhece ninguém, decida e declare que todos se consideram apresentados, para que os escrupulos mais hesitantes desapareçam.

Assistencia Nacional aos Tuberculosos

Regressaram ontem do Funchal os srs. professor Lopo de Carvalho e dr. Albano Castelo Branco, presidente e director da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, depois de, naquela cidade, terem assistido á implantação de um Sanatório e de um Preventorio e tratado dos detalhes relativos á excursão que á Madeira realizarão os membros da X Conferencia da União Internacional contra a Tuberculose, que se efectua em Lisboa em setembro proximo futuro.

Como dissemos, o professor Lopo de Carvalho obteve assinalado successo na palestra que fez no teatro do Funchal, perante numerosa e interessadissima assistencia de todas as classes.

Aqueles dois illustres dirigentes da A. N. T. foram carinhosamente homenageados pelas autoridades, entidades e população funchalenses, todos possuidores da maior satisfação por terem começado já as obras de construção daquelles dois importantes estabelecimentos no combate contra a tuberculose.

O governador civil e o professor Lopo de Carvalho manifestaram por telegrama ao Presidente do Conselho o seu enorme reconhecimento pela cedencia dos respectivos terrenos e por todas as facilidades concedidas para a efectivação da utilissima Obra Sanatorial da Madeira sob a égide da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, empreendimento do maior alcance social e dos mais benéficos resultados no capitulo de luta anti-tuberculosa em Portugal.

CONFERENCIAS

No Colegio Ulissiponense, realiza hoje, ás 21 e 30, uma conferencia em que versará o tema «Falsas miragens», o deputado sr. Joaquim Lança.

E assim se vai criando um afastamento artificial entre os semelhantes, que só uma aproximação, também cheia de artificio, poderá remediar. Ha quasi dois mil anos, é certo, afirmaram-nos que todos eramos irmãos, mas não nos convencemos disso, nem mesmo á voz de Deus Padre. O mais curioso é que as pessoas com quem nos damos na intimidade não nos foram apresentadas. É o caso dos nossos pais, dos nossos irmãos, da nossa familia, em suma. Talvez seja por isso que ela muitas vezes não tem prazer algum em nos conhecer—e ficamos condenados a só ouvir palavras de regozijo de labios que não interessam...

No entanto, quando uma pessoa está em perigo, corremos a salvá-la, mesmo que não tenhamos o gosto de conhecê-la. É possível até que essa circunstancia contribua para a nossa solicitude. O mais elementar humanitarismo dispensa qualquer praxe para poder actuar. Seria ridiculo, e não sei se defensavel, basear numa apresentação prévia a condição de um socorro urgente.

Seja como for, depois de nos apresentarem alguém, a nossa preocupação é evitá-lo, se por acaso carece de cotação. Principia aqui o martírio das pessoas previstas, que recorrem aos mil subterfugios classicos para se livrarem de encontros e de conversas: baixam a cabeça, lêem o jornal mesmo ás avessas, atam os sapatos ou enfiam pelas valetas, na subversão simultanea dos dois instintos mais caros ao homem: o instinto de conservação e o instinto de conversação.

Tratando-se de um individuo com prestigio, fazemos todo o possível para o abordar e pertencer ao numero das suas relações privadas. Ha quem passe á posteridade pelo simples facto de ser intimo de um homem celebre, que geralmente o trata desprezativamente por tu, o que também se invoca em termos desvanecedores.

É por estas e por outras que muitas pessoas de bom senso recusam sistematicamente ser apresentadas a quem quer que seja, com o fundamento, aliás bastante digno, de que só apertam a mão ás pessoas que conhecem.

Medida pratica, tão pratica!, que faz cair pela base as palestras sobre apresentações.

JOSE MAGRO

O SORTEIO DA CASA DA IMPRENSA

Dentro de oito dias vão ser proclamados eleitos da Ventura três portugueses que a tal distincção se habilitaram. Serão eles os contemplados com os três premios de riqueza, sumptuosidade e alto prestígio que, pela Lotaria da Misericordia de Lisboa, de 11 do corrente, sorteará a Casa da Imprensa, a qual organizou o respectivo Sorteio para obter fundos indispensaveis ao prosseguimento da bela obra de assistencia mutualista que constitui a sua missão.

Esses premios, invulgares pelo subido valor e pela extrema beleza, são um magnifico automovel Chrysler, de lindo desenho aerodinamico e de aperfeiçoadissima construção mecanica; um posto de radiofonia receptora, o Fairbanks Morse, apto a receber todas as ondas, com uma nitidez absoluta; e uma secretaria-maquina de costura Mundial Universal, maravilhosa de utilidade no arranjo domestico, pois proporciona 40 trabalhos diversos nos mais interessantes generos da sua applicação.

Agressão á enxadada

Na sala de observações do Hospital de S. José, deu hoje entrada, em estado grave, o trabalhador Manuel Luiz Fernandes, de 21 anos, natural de Alcoleia concelho de Arruda, que ali foi agredido á enxadada.

Cadaver á tona de agua

Foi ontem encontrado á tona de agua e conduzido para o Instituto de Medicina Legal o cadaver do empregado no comercio Jesus Garrido e Garrido, de 32 anos, natural de Montemor, residente na travessa do Corpo Santo, 6.

TEMAS HISTORICOS

André de Rezende

Mantenho com o sr. dr. Alfredo Pimenta boas relações de trato e nunca deixei de ter em merecida consideração a que tem direito, os dotes do seu espirito estudioso e culto.

Por isso mesmo me causou profunda estranheza a sua frase, «pois que não era de escrupulos o sabio de Evora».

Dê-me licença, sr. dr. Alfredo Pimenta, que lhe diga, que foi injusto com André de Resende. Não, André de Resende não foi homem de poucos escrupulos. Pelo contrario, era até de muitos escrupulos, como vou provar.

Em «De antiquitatibus lusitaniae» vem a pag 262 da edição de M. D. C. C. X. C., copiada a seguinte inscrição:

D. M. S.
IVL. PATERNA ANN. XV.
IVLIA TERSPICORE
LIBERTAE OBSEQUENTISSIMAE
H. S. E. T. T. L.
Hoc est

Diis manibus sacrum, Julia Paterna annorum quindecim, Julia Terpsicore libertae obsequentissimae, hic sita est, sit tibi terra levis.

Errore sculptoris positum est Terspicore pro Terpsicore, sed ego mutare nolui.

Quere dizer esta nota de André de Resende ao texto original que o esculptor pôz por engano *Terpsicore*, quando devia pôr *Terpsicore*, mas eu não quiz emendar.

Levou pois André de Resende o seu escrupulo, ao ponto de dar textualmente a inscrição como ela se encontrava no original, embora na leitura que deu, tivesse feito a emenda de *Terpsicore* para *Terpsicore*.

Acha nisto o sr. dr. Alfredo Pimenta pouco escrupulo? Mais ainda:

No mesmo livro a pag. 290 vem uma inscrição, cuja primeira linha diz:

HVNC DENIQUE EDIFI...

Fez a leitura do seguinte modo: Hunc (pro hoc) denique edifi...

Aqui ainda deu o original como estava, mas na leitura diz-nos que está ali *hunc* por *hoc*.

Soma e segue. Sem duvida que o sr. dr. Alfredo Pimenta conhece *As antiguidades de Roma*, cujo cap. II começa nestes termos:

«Seguia-se a pos ho nome, dizer quem foi ho fundador, porque per ho fundador se collige & intende ha muita antiguidade, & tombée non é pequeno gosto saber & téer noticia dos principiaiores das cijdades, & maiormente se fooron varões illustres. Quomo ha diuna scriptura da testimunho em ho. 4. cap. do Genesi, de Caim, q edificou hua cijdade, que foi ha primeira q se lee in scriptura authetica, & pos lhe nome Henoch, do nome de seu filho. En isto ño posso eu satisfazer a hos lectores: por q ne ho acho authenticico, nem determino fazer ho q alguns costumã, fazer & publicar origees & antiguidades fabulosas. Eu ño escreverei salvo ho que achar p auctores dignos de fee, ou p scripturas de pedras, ou ho q p nossos oclhos inda podemos veer, & ho fundador fosse que quisesse». (texto da ed. de 1553).

Vê o sr. dr. Alfredo Pimenta até que grau leva André de Resende o seu escrupulo, que em outros casos ainda desta natureza vai conhecer no seguimento destes artigos.

Eu bem sei em quem V. Ex.^a se firmou para fazer a sua afirmativa, tendo-os como mestres e autoridades dignas de credito.

Vou mostrar-lhe que fez mal em confiar demasiadamente neles, sem primeiro por si proprio ter estudado devidamente a questão.

(Continua).

LUDOVICO DE MENESES

Dr. João da Piedade Guerreiro

O Ilustre clinico sr. dr. João da Piedade Guerreiro, medico interno dos hospitais e assistente livre da clinica medica do hospital de Santa Marta, abriu o seu consultorio na rua dos Fanqueiros, com entrada pela travessa Nova de S. Domingos, 9, 1.º, esquerdo.

A MARISQUEIRA de CASCAIS

Serve optimos almoços, jantares e ceias — Especialidade em mariscos — Salas no 1.º andar — Aberto toda a noite

Crise do governo da Colombia

BOGOTÁ, 3. — O ministro dos Negócios Estrangeiros demitiu-se do seu cargo, em consequência das divergências que surgiram no seio do governo por causa do estabelecimento do novo tratado comercial entre a Colombia e a Venezuela.

O ministro da Fazenda, sr. Boto, tomou posse interinamente da pasta dos Negócios Estrangeiros. — (U. P.).

BOLSA DE LISBOA

3 de abril
CONTADO

VALORES	Eletuado	Compra	Venda
Fundados do Estado			
Consolidado 4 3/4 1934...	1.143\$00	1.143\$00	1.144\$00
Consolidado 5 1/2 0/0 1933	1.095\$00	1.094\$00	1.093\$00
4 1/2 0/0 1933	1.018\$00	1.018\$00	1.023\$00
4 0/0 1934	977\$00	—	—
Externo 3 0/0 1.ª Sér. ...	1.605\$00	1.605\$00	1.607\$00
3 0/0 2.ª	—	—	—
3 0/0 3.ª	—	1.632\$00	1.660\$00
Emp. 4 1/2 0/0 1912 ouro	—	—	—
6 1/2 0/0 1930-Cons.	507\$50	507\$00	503\$00
Ações			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	—	447\$00	453\$00
Lisboa & Açores, port.	—	390\$00	—
Portugal, portador...	—	—	1.145\$00
Espírito Santo...	—	610\$00	630\$00
C.ª DE SEGUROS			
Bonança	—	800\$00	900\$00
Fidelidade	—	—	—
Mundial	—	200\$00	220\$00
Nacional	—	—	—
Sagres	—	—	1.100\$00
Tagus	—	—	—
C.ª DIVERSAS			
C. P. ordinária	—	60\$00	—
privilegiada	21\$50	21\$00	22\$00
Agua de Lisboa, port.	—	312\$00	330\$00
Cerveja Estrela	—	—	—
Cimentos de Leiria	—	—	640\$00
Credito Predial	—	216\$00	22\$00
Gaz e Electricidade	341\$00	341\$50	342\$00
Portugal e Colonias	64\$80	64\$70	64\$90
Navegação	74\$20	74\$10	74\$40
Portuguesa de Pesca	439\$00	250\$00	255\$00
de Tabacos	438\$00	438\$00	43\$00
Tabacos de Portugal	394\$00	393\$00	394\$00
Tabacaria	240\$00	—	—
União Electrica Portug.	—	—	—
COLONIAIS			
Açúcar de Angola	565\$00	561\$50	565\$00
Busi — 1.ª Emissão	36\$00	35\$80	36\$50
— 2.ª	—	34\$00	35\$50
Illa do Príncipe	225\$00	225\$00	226\$00
Obrigações			
C. P. 6 0/0	—	370\$00	371\$00
Prediais 6 0/0 — 1932	91\$50	91\$00	92\$00
7 0/0	112\$00	111\$50	112\$00
União Elect. Port. 7 1/2	122\$00	—	—
Busi 9 0/0	—	118\$00	119\$00
6 1/2 0/0	105\$00	104\$50	105\$00

Henrique de Barros Gomes

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
Telef. 2 5482 Rua S. Julião, 63

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	116\$00	116\$20
Paris	1546.3	1546.6
Madrid	3403.1	3403.6
New-York	22820.2	22824.9
Zurich	7823.1	7824.7
Roma	1875.6	1875.9
Bruxelas	3875.4	3876.1
Amsterdão	15807.3	15810.1
Berlim	8892.4	8894.1
Praga	891.9	892.1
Rio de Janeiro	1824.6	1824.8
Libra ouro	—	—

MUDE DE CAMINHO...

Se V.ª Ex.ª frequenta restaurantes, não hesite; preferindo Café Restaurante Suisso e «Regina» terá sempre a certeza de ser bem servido, e por módicos preços. Almoços, Jantares e por Lista. Serviço especial para banquetes em salas independentes. Telefones — 2 2039 e 2 7817.

Beba Cibebe

Aguardente velhíssima de sabor aromático

A verdadeira só nos melhores cafés, hotéis e restaurantes

CIBELE é a aguardente da elite, e rival dos melhores cognacs

NO EXTREMO ORIENTE

Declarações do ministro dos Estrangeiros japonês

TOQUIO, 3. — Informa a Domei: Por ocasião da sua nomeação para ministro dos Negócios Estrangeiros, Arita declarou que o decreto imperial publicado após a retirada do Japão da S. D. N. continua a ser a base da política externa do Japão, «política que se inspira sobretudo num desejo de assegurar a Paz no mundo».

—Essa política — disse — permitirá ao Japão melhorar as suas relações com a China e dar às suas relações com a U. R. S. S., com a America do Norte e, Gran Bretanha, a necessaria estabilidade.

Arita acrescentou que o essencial, acima de tudo, «era defender a Asia Oriental contra os progressos dos comunistas e libertar o povo japonês da crise económica». — (Havas).

As relações mongol-manchus

TOQUIO, 3. — Informam de Hsing-King a Domei que o Governo mandou dirigir ontem ao Governo da Mongolia Exterior uma nota a avisá-lo das repercussões graves que as provocações da parte da Mongolia poderiam ter nas relações entre os dois países. — (Havas).

DESCOBRIU-SE NA BOLIVIA

uma conspiração comunista

LA PAZ, 3. — Foi descoberta nesta capital uma vasta conspiração revolucionária, que tinha por objectivo derubar o actual governo. Foram presas importantes individualidades políticas. — (United Press).

Linha aerea Praga-Moscovo

BUCAREST, 3. — Foi assinada uma convenção aerea entre a Romania e a Checoslováquia para exploração da linha aerea Praga-Moscovo, com escala por Clujassy. A carreira começará a funcionar em 1 de maio. — (H.).

O "récord" Londres-Cidade do Cabo

LONDRES, 3. — Amy Mollison, a celebre aviadora, levantou voo de Gravesend às 5 horas e 30 para tentar bater o "récord" Londres-Cidade do Cabo. — (Havas).

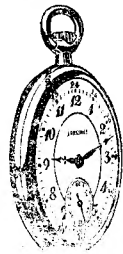
A viagem do "Hindenburg"

PERNAMBUCO, 3. — O dirigível "Hindenburg", voou sobre esta cidade às 7 e 50 (hora local). — (Havas).

Baile de estudantes

É hoje que se realiza, nos salões do Gremio Lirico Português, o baile dos estudantes do Instituto Commercial de Lisboa, abrihantado pela orquestra dirigida por Almeida Cruz. A musica será retransmitida pela Emissora Nacional.

Os poucos bilhetes de convite que ainda restam, podem ser requisitados na rua das Chagas n.º 7, ou pelo telefone 2-0254.



LONGINES

Novo "ECONOMICO" 37.9

(para as classes medias)

Todo montado em RUBIS

Garantia absoluta

A festa Alentejana

foi um sensacional exito no

OLIMPIA CLUB

E VOLTA A REPETIR-SE HOJE A INSTANTES PEDIDOS DO PUBLICO

Decoração MAIA, que causou um assombro! O Alentejo ao vivo!

Formidável successo da bailarina e coquetista internacional

CARMEN MAYER

Bailados pela formosa artista andalusa MIRENTXU

e pela gentil amadora alentejana MARIA DOS ANJOS

MUSICA ALENTEJANA! TUDO ALENTEJANO!

O TUFÃO DA GEORGIA

Eleva-se a 45 o numero de mortos

NOVA YORK, 3. — As ultimas noticias telegraficas aqui recebidas de Cordele, Estado de Georgia, dizem que o violento ciclone que ontem assolou aquela cidade, ocasionou a morte de 45 pessoas e que o numero de desaparecidos é muito maior do que aquele que ao principio se supôs. O numero de feridos em consequência do furacão, é de 400, algumas dezenas dos quais se encontram em estado grave. Os prejuizos materiais causados pelo ciclone elevam-se a mais de dois milhões de dolares.

Encontram-se sem abrigo mais de 1.000 pessoas, cujas residencias ficaram completamente destruidas pela violência do vento. Centenas de arvores seculares foram arrancadas pela raiz e projectadas a grandes distancias.

O governo norte-americano ordenou que seguissem para Cordele varias ambulancias da Cruz Vermelha com todo o material cirurgico indispensavel e grande quantidade de medicamentos, a fim de que todos os sinistrados possam ser convenientemente atendidos e tratados. Para aquela cidade partiram já varios aviões militares que levam medicamentos para acudir mais rapidamente ás vitimas do terrivel ciclone. — (United Press).

O CASO DO BÉBÉ LINDBERGH

A execução de Hauptmann continua marcada para amanhã

TRENTON, 3. — O juri do condado de Mercer terminou de noite as suas deliberações sobre o caso de Paulo Wendel. Como se sabe, este tinha declarado ser o verdadeiro autor do assassinio do filho de Lindbergh, mas logo em seguida retratou-se. Wendel foi o ultimo a comparecer perante o juri e foi objecto, por parte deste, dum interrogatorio cerrado que durou algumas horas. Não se sabe que resolução tomou o juri. Segundo o Procurador Marshall decidiu simplesmente suspender o seu inquerito, reservando-se para retomá-lo em caso de necessidade.

A execução de Hauptmann continua marcada para amanhã, á 1 da madrugada. — (Havas).

OS QUE MORREM

ROMA, 3. — Com 71 anos de idade, faleceu hoje o general conde de Albrici, ministro de Estado e senador. Durante a Grande Guerra comandou o III Corpo de Exercito e, combatendo na «frente» francesa, distinguuiu-se em Bligny e no Chemin des Dames. — (H.).

JOAQUIM DAS CANDEIAS ANÃO

Por alma do sr. Joaquim das Candelas Anão, manda sua família rezar uma missa, amanhã, 4, na igreja de Santos-o-Velho, ás 10 horas e 30.

Pensão Europa, L.ª

RUA DO CARMO, 35, 3.º

Telef. 27.118

Uma das melhores pensões de Lisboa, situada no centro da cidade. Bons quartos e boa cozinha. Preços desde 200\$00 a 300\$00

A CRISE ECONOMICA

Os pescadores de Santander atravessam uma hora difícil

SANTANDER, 3. — Os pescadores queixam-se da grande abundancia de peixe que tem havido nos ultimos dias e que se chega a vender a duas pesetas por 15 quilos.

Esta super-abundancia veio ainda aumentar a grave situação em se encontravam os pescadores que mal ganhavam para a alimentação.

Uma comissão de pescadores procurou o governador civil e fez-lhe sentir que se não fossem as sanções económicas que a Espanha decretou contra a Italia, havia uma esplendida oportunidade para se exportar para aquele país a grande quantidade de peixe que inevitavelmente tem de ser inutilizado, em virtude da Italia ser uma grande consumidora.

Aquella comissão pediu ao governador civil que intervisse junto do governo para serem autorizados varios carregamentos especiais de peixe para a Italia, medida esta que beneficiaria enormemente a classe piscatoria de Santander. — (United Press).

NOTICIAS DO BRASIL

Vai ser oferecido um banquete ao dr. Pedro Ernesto

RIO DE JANEIRO, 3. — As classes conservadoras do Rio de Janeiro, no desejo de manifestarem o seu reconhecimento pelas atenções que lhe têm sido dispensadas pelo chefe do poder executivo no Distrito Federal, resolveram oferecer um grande banquete ao dr. Pedro Ernesto. A iniciativa é apoiada pela Associação Commercial e por outras collectividades congêneres, assim como pelo alto commercio e pela industria do Rio de Janeiro. A festa terá um alto significado politico e social. — (Americana).

F. H. d'Oliveira & C.ª, Ld.ª

Francisco Henrique de Oliveira

Como têm vindo a publico na Imprensa diaria repetidas noticias com relação a um pleito em que litigam com Duarte Augusto de Almeida, noticias tendenciosas mas certamente interessadas no prejuizo do bom credito de que gozam os signatarios, vêem-se estes na necessidade de explicar a malicia preconcebida do ataque, e declaram o seguinte:

1. Que esta acção se não funda em qualquer transacção corrente, mas em prejuizos cuja causa é fantasmaticamente atribuida aos signatarios, ao primeiro como entidade de que faz parte o segundo, e a este na qualidade de socio de «A Japonesa, Ld.ª», cujo activo indirectamente lhe garantia a qualidade de credor pênhoratício de Duarte Augusto de Almeida.

2. Que este litigio como liquidatorio de «A Japonesa, Ld.ª», e por si proprio, mas em qualquer hipotesis, a sua legitimidade é contestada — e ha-de provar-se.

3. Que o 2.º signatario, é credor de Duarte Augusto de Almeida por cerca de Esc. 200.000\$00, conforme execução de sentença que corre na 2.ª vara, escrivão Sampaio de Andrade, e o primeiro ainda hoje é credor de «A Japonesa, Ld.ª», por saldo duma letra, que nunca foi paga.

4. Que as proprias quotas de Duarte Augusto de Almeida em «A Japonesa, Ld.ª», e que tinham por ele sido dadas em penhor do 2.º signatario foram arrematadas naquela execução por Esc. 60\$00.

5. Que na verosmil hipotesis — tão absurdos são os fundamentos da acção — de os signatarios virem a ser condenados, Duarte Augusto de Almeida, nem como pretendo liquidatorio de «A Japonesa, Ld.ª», nem pessoalmente, nada teria a receber: não como liquidatorio, porque esta qualidade é precaria e dependente da vontade dos socios que a seu tempo lhe pedirão contas; não pessoalmente, porque qualquer prejuizo tinha provindo da sua qualidade de socio, qualidade que já perdeu pela arrematação das respectivas quotas.

6. E por aqui se vê qual o mobil das noticias, reservando-se os signatarios a oportunidade de mostrarem mais extensamente ao tribunal a conduta do autor e os fins a que visa.

F. H. d'Oliveira & C.ª, Ld.ª
Francisco Henrique de Oliveira

JOIAS GENERO ANTIGO

Grande sortido a preços muito baratos

Ourivesaria Santos Catita, Ltd.ª

Rua Eugénio dos Santos, 44

**COMPANHIA DAS FABRICAS
CERAMICA LUSITANIA**
Grandes fabricas de bons pro-
dutos ceramicos de
**MODOS OS GENEROS E PARA
TODOS OS USOS**
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga,
Setúbal, Faro, Portimão e etc.
A CERAMICA QUE HANHA O PAIZ!

ULTIMAS NOTICIAS

Dr. A. Burquete Director
cons. Hos-
pitais. Doenças aparelho
digestivo (recto - Hemor-
roidas). Aven. da Liberdade,
13. A's 11 horas e as 17.
Tel. 44251

A POLITICA FRANCESA

DERAM-SE ONTEM DESORDENS entre fascistas e partidarios da Frente Popular

PARIS, 3.—Em Sartrouville, que faz parte do departamento do Sena e Oise, e fica nos arredores desta cidade produziram-se ontem á noite ligeiras desordens entre Cruzes de Fogo e elementos da Frente Popular, por motivo duma reunião eleitoral promovida pelos primeiros. Houve alguns feridos, mas sem gravidade. Não se efectuou qualquer prisão.—(Havas).

As autoridades mandaram abrir um inquerito sobre os acontecimentos

(Serviço especial para o «Diário de Lisboa»)

SARTROUVILLE, 3.—As autoridades mandaram abrir um inquerito sobre os acontecimentos ocorridos ontem á noite nesta cidade, motivados por uma reunião dos «Cruzes de Fogo» e á qual tentaram opôr-se os elementos filiados na Frente Popular.

A reunião dos adeptos do coronel de Laroque, assistiram 700 pessoas, que se juntaram no «Cinema Palace» desta localidade. O «maire» socialista Aubin, anunciou que assistiria também á reunião mas o chefe da Polícia conseguiu demove-lo desse proposito. No entanto, Aubin deu ordem para que as sereias da cidade tocassem, dando assim o sinal para a reunião de todos os elementos da Frente Popular e ordenando ao mesmo tempo que o Corpo de Bombeiros, com o material disponível, cercasse o cinema.

Ao mesmo tempo chegavam á esta cidade varios destacamentos da Guarda Municipal, enviados para manter a ordem. Os elementos «Cruzes de Fogo» encontraram-se assim completamente cercados, não só pelos bombeiros com as mangueiras atestadas, como por cordões da «Frente Popular». A saída da reunião deram-se varias desordens, em consequencia de terem sido atacados os «Cruzes de Fogo». Nesse momento ouviram-se varios cantos revolucionarios e produziram-se varias manifestações contra os elementos do coronel de Laroque.—(Havas).

O PORTO pelo telefone

Ainda o desfalque na Rezineira

PORTO, 3.—Em consequencia de um desfalque feito, ha tempos, na União Rezineira Portuguesa, por um seu empregado superior, foi preso em Coimbra, pla P. I. C., daquela cidade, o proprietario sr. Laurindo Cunha Monteiro, de Penacova.

O preso veio para esta cidade, dando entrada no Aljube.

Operario que cegou

Attingido por um fragmento de aço que lhe perfurou o olho direito, recolheu, em estado grave, ao hospital da Misericórdia o serralleiro Martinho dos Santos, morador na travessa de Francos.

Ministro da Checoslováquia

O Chefe do Estado recebe amanhã, pelas 15 horas, no palacio de Belem, o novo ministro da Checoslováquia que lhe vai entregar as suas credenciais.

A's 17 e 30 aquele diplomata irá depor uma coroa de flores no monumento aos Mortos da Grande Guerra.

A POLITICA ESPANHOLA

Os cedistas só voltarão ao Parlamento quando ele estiver definitivamente constituído

MADRID, 3.—Como se disse reuniu-se esta manhã a minoria da Ceda, presidida por Gil Robles, que, depois de apreciar os fins para que fôra convocada, resolveu por unanimidade não voltar a participar nos trabalhos parlamentares, até que a nova Camara dos Deputados fique definitivamente constituída.

O sr. Gil Robles declarou que a decisão tomada pela minoria da Ceda se baseia no facto de, no actual Parlamento, não haver respeito por aqueles que, embora pertencentes á opposição, foram eleitos pela vontade soberana do povo. Acrescentou que no Parlamento actual só podem falar e expôr as suas opiniões os que pertencem ás Esquerdas, e que aos da Direita não só lhes são limitados aqueles direitos pela força, como também são salvo dos mais violentos ataques, por parte de pessoas que têm um passado e um presente que nada deixa a desejar.—(United Press).

A Comissão de verificação de mandatos terminou o seu trabalho esta madrugada

MADRID, 3.—A Comissão de verificação de mandatos, reunida no Parlamento, terminou os seus trabalhos ás seis da manhã, aprovando a validade das actas por Orense, que elegeram o deputado monarquico Calvo Sotelo e os srs. Luiz Espada, Ramon Sabocedo, Lourenço Peláez e outros. A mesma comissão resolveu invalidar a acta do ex-deputado Vilanueva.—(U. P.).

Em San Sebastian comunistas e socialistas não chegaram a acôrdo

SAN SEBASTIAN, 3.—Os desentendimentos entre os comunistas e os socialistas na distribuição de candidatos para as proximas eleições municipais produziram a rutura da Frente Popular local.—(United Press).

Foi encerrado o Centro Fascista de Jaen

JAEN, 3.—As autoridades encerraram o Centro Fascista local e prenderam todos os dirigentes que recolheram á prisão, onde se encontram sob rigorosa incomunicabilidade.—(United Press).

O julgamento de José Primo de Rivera

MADRID, 3.—O Tribunal de Urgencia condenou a 61 dias de prisão o chefe fascista José Antonio Primo de Rivera, por andar a distribuir um manifesto clandestino no dia 16 de março ultimo.

Primo de Rivera responderá amanhã perante o mesmo tribunal, pelo terceiro processo que lhe foi instaurado, e em que se pede uma pesada pena para aquele «leader» fascista e a dissolução da organização politica denominada «Falange Espanhola».—(United Press).

Assalto á residencia dum capitalista

LINARES, 3.—Um numeroso grupo de operarios mineiros assaltou a residencia do capitalista José Dominguez, roubando uma elevada quantia em dinheiro e joias.

O proprietario da residencia assaltada, ao tentar fazer frente aos gatinhos, foi ferido gravemente a tiro, tendo

igual sorte a sua esposa.—(United Press).

Um assalto á sucursal do Banco de Bilbao em Melilla

MELILLA, 3.—O delegado do governo solicitou das autoridades competentes que fôsem postos á sua disposição os melhores agentes de investigação, a fim de ele proprio conduzir as pesquisas para averiguar quem foram os individuos que tomaram parte no recente assalto á sucursal do Banco de Bilbao, nesta cidade.

As autoridades policiaes têm já conhecimento de que participaram no referido assalto varios soldados pertencentes ao batalhão de Caçadores 6, os quais estavam mancomunados com elementos comunistas.—(U. P.).

Os «electricos» da «Ciudad Lineal»

MADRID, 3.—O ministerio das Obras Publicas declara absolutamente inexacta uma informação publicada ha dias pelo jornal «El Socialista» e pela qual fôra entregue aos operarios a exploração dos carros electricos da linha de «Ciudad Lineal», que serve também outros bairros madrilenos. O ministro desmente a noticia e explica que, em face do abandono daquellas linhas pela respectiva empresa, e considerando o prejuizo que tal abandono causaria ao publico, tudo se limitou ao facto do Estado se ter encarregado da referida exploração, por conta da companhia que deixou de a fazer.

O ministro acrescenta que jámais autorizaria expropriações do tipo anunciado por «El Socialista» e que, em casos de abandono da exploração de concessões feitas pelo Estado, só o proprio Estado as poderá continuar, para utilidade publica e dentro dos preceitos da lei.—(Especial).

Ainda o movimento revolucionario das Asturias

GUADALAJARA, 3.—O coronel Jimenez Deveza, que comandava as forças de Oviedo por ocasião do movimento revolucionario de 1934, foi posto em liberdade. Como se sabe, fôra acusado de negligencia e condenado a 30 anos de prisão. Solto por ocasião da ultima amnistia, foi novamente preso ha dias, porque aquela não abrangia faltas puramente militares. Ficou agora submetido ao regime de «prisão atenuada», o que lhe permite conservar-se em sua casa, com dois guardas de sentinela em frente da residencia.—(Havas).

Descoberta de material revolucionario

CADIZ, 3.—Num dos subterraneos dos armazens do porto foi encontrado um verdadeiro arsenal de bombas, armas e munições e grande quantidade de vidros, com diversos acidos corrosivos.

Em varios caixotes foi encontrado material de propaganda comunista, que se destinava a varias provincias de Espanha.—(United Press).

A Reforma Agraria

MADRID, 3.—O ministro da Agricultura, sr. Ruiz Funes, demarcou já os terrenos, na provincia de Badajoz, em que vão estabelecer-se 41.499 campos.—(United Press).

A CHUVA DESTA TARDE

Foram arrastados na enxurrada dois operarios da Camara que devem ter ido parar ao Tejo

Esta tarde, pouco depois das 15 horas, caiu em Lisboa uma chuva torrencial.

Nos colectores da cidade andavam a trabalhar, em reparações, desde as ultimas chuvadas; numerosos operarios da Camara Municipal, cada um marcado com seu numero.

Na zona da Estefania e de Arrolos, os trabalhos eram dirigidos pelo mestre-geral Emilio Rocha.

Na secção da rua D. Estefania, onde se deu o caso que passamos a relatar, os 10 homens que ali trabalhavam tinham como encarregado Alfredo Perdigão.

Quando a chuva de hoje começou a produzir os seus efeitos, varios desses trabalhadores interromperam as suas tarefas e, assustados, voltaram á superficie. Outros, porém, confiantes, continuaram nas suas occupações.

No fundo da claraboia da rua D. Estefania, em frente ao Jardim Cesario Verde, estavam João Gomes, de 39 anos, morador em Santa Marta, e José Fernandes, de 50 anos, residente em Benfica. Tanto um como o outro resolveram aguardar, nos seus postos, que a enxurrada passasse, para recommear os trabalhos.

A força da corrente foi, porém, superior ás forças de qualquer deles e devem ter sido arrastados pelo coletor fora, talvez até ao Tejo, visto que até á hora a que escrevemos, e apesar das pesquisas feitas nas diversas aberturas que o colector tem desde a Estefania até ao Tereiro do Paço, ainda nada se descobriu.

O guarda 2523—que estava de serviço na rua Rebelo da Silva—contou-nos que só por milagre escaparam de ser arrastados pela enxurrada os operarios que trabalhavam no colector.

A GUERRA ITALO-ETIOPE

Os interesses britânicos no lago Tana serão respeitados pelos italianos

ROMA, 3.—«Voltam a alarmar-se os espiritos com a grotesca insinuação—escreve o *Popolo di Roma*—de que as aguas do lago Tana, Nilo Azul e afluentes podem vir a ser desviadas do seu curso e dirigidas para o Mar Vermelho. O Tratado de 1906 reconhece os direitos britânicos na regulamentação das referidas aguas. O governo italiano, em declarações feitas em Roma e Balzano, garantiu o respeito pelos compromissos tomados. Os direitos britânicos conservam-se, e conservar-se-ão, integralmente. Além disso, não só o grotesco projecto é prohibido pelos protocolos mas também impossivel de realizar por sua natureza. É lamentavel que os alarmistas se dediquem a manobras desta ordem.—(Havas).

A ocupação da região do lago Tana

LONDRES, 3.—Do Cairo informam á Reuter que, interrogado sobre a attitude do governo egipcio no caso dos italianos ocuparem a região do Lago Tana, o primeiro ministro declarou que «não via perigo immediato». O chefe do governo acrescentou que «haveria meios diplomaticos para salvaguardar os interesses do Egipto naquela região».—(Havas).

Automoveis Peugeot

O 402

o carro de maior successo no Salão de Paris de 1935

MODELOS 201-301-402

ELEGANTES

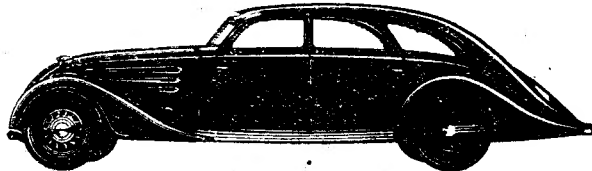
MUITO ECONOMICOS

CONFORTAVEIS

Em Exposição:

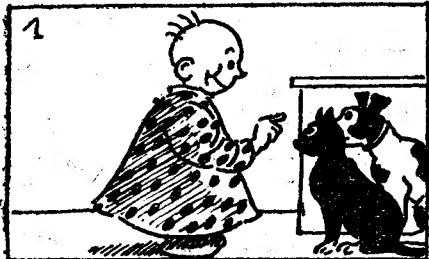
OREY ANTUNES & C.ª, LTD.
Praça Duque Terceira, n.º 4 - LISBOA

AGENCIA OREY ANTUNES (PORTO)
Avenida dos Allados, 59-69 - PORTO



PAGINA INFANTIL

AS AVENTURAS DO QUIM E DO MANÉCAS



I—Manécas sai de casa, para ir dar uma lição de francês a um dos seus muitos discípulos.



II—Recomenda muito juízo ao Piloto e ao Taréco.



III—Estes, enquanto o dono está a trabalhar para os sustentar, fazem a comida.



IV—O Piloto varre a casa, e o Taréco, para agradar ao Manécas, põe flores nas jarras.



V—Quando Manécas chega, comem todos uma bela sopinha, pois o Piloto é um belo cozinheiro.



VI—A noite, o Piloto e o Taréco dormem em fôfa cama, gosando um repouso bem merecido.

Café Restaurante - TAVARES
LAGOSTAS recebidas diariamente fornece-se para fora, quilo 15\$00. Todos os dias Lagosta à americana e à TAVARES.
Lunch e banquetes para fora.

História dum grão de centeio

Foi o proprio grãosinho que me contou a sua história e serão as suas palavras que aqui se vão ler.

Eis o que ele me disse:
—Enquanto cá por cima, o vento agreste do inverno arripiava as arvores, eu dormia muito sossegado, no fundo da terra.

Mas, uma manhãzinha—já quando o sol da Primavera derretia a geada, acordei, de repente.

Senti, então um desejo novo e estranho de me agitar, de me puxar para o alto, para onde nem eu mesmo sabia!

Era como se uma voz imperiosa me chamasse!

Dispuz-me a obedecer e notei que no meu corpinho surgira um rebento verde, muito delgadinho, mas que abria caminho através da terra.

—Esta agora!—exclamou uma lagarta que estava enroscada ao pé de mim.—Para onde vais com essa pressa?...
—Lá para cima, a furar a terra. Estão-me chamando e eu quero lá ir—respondei muito pronto.

—Pois olha: se eu estivesse no teu caso não me incomodava—redarguiu o bicharoco. Está-se tão bem cá por baixo! Quanto mais se puxa para cima, mais desamparos e mais perigos!

—Porquê—preguntei, admirado.

—Ora, porquê? Vais deixar os amigos velhos, a terra macia e quente, onde dormias, para te espetares sózinho, ao frio, no topo duma haste quebradiça que ha de ser açoitada pelo vento. E se os passarinhos não te pillarem dá graças a Deus! Não percebo essa mania que vocês têm de pularem para a luz!

—Deve ser tão linda!—murmurei.

—Eu cá por mim, nunca a vi e nem por isso tenho pior vida! Segue o meu conselho! Deixa-te estar, que estás bem—volveu a lagarta.

Mas eu atreí para o alto o rebentinho verde, e exclamei:

—Quero ir por força.

—Ainda bem que obedeci àquela voz!

Muito bom é crescer!—foi a ultima palavra que ouvi do grãosinho de centeio, a quem agradei a sua história tão interessante que aqui fica contada aos meus queridos leitoresinhos.

VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

O "9 DE ABRIL"

Em virtude do programa elaborado pela Agencia de Lisboa da L. C. G. G., foram expedidas circulares ás entidades oficiais e particulares a fim de ser concedida dispensa a todos os combatentes, para poderem tomar parte na parada que se efectua no dia 9 e cuja concentração como de costume, se realiza no largo fronteiro ao cemiterio do Alto de S. João, pelas 14 horas.

Esperança está a direcção daquele nucleo de que a exemplo do passado ano, será dado por todas as entidades o maior apoio á solicitação feita.

Os combatentes que se incorporarem devem fazer uso das suas medalhas.

QUINTANISTAS DE FARMACIA

Realiza-se hoje, ás 21 e 15, no teatro, do Gimnasio, a recita de despedida dos quintanistas da Faculdade de Farmacia, com a revista da sua autoria «As pilulas do senhor doutor».

A parte musical—que é dirigida pelo maestro sr. Armando Fernandes—tem trechos originaes dos professores Julio Cardona e Pavia de Magalhães.

O compositor Cruz e Sousa pôs á disposição dos quintanistas a musica do ultimo «Corridinho», que constituirá a apoteose do 1.º acto.

O professor Pavia de Magalhães escreveu a valsa da «Teoria de arremios» cujos bailados foram ensaiados pela professora D. Encarnacion Fernandez.

Alguns cenarios foram pintados gentilmente por Rinaldo Martins e outros cedidos pela empresa José Loureiro.

UMA FAMILIA NA MISERIA

De um anónimo recebemos 30\$00 para entregar áquella familia composta de 19 pessoas, moradora na rua da Esperança, n.º 79, a cuja situação de miseria nos temos referido. Os nossos agradecimentos.

Café Luso

Hoje cantam os distintos artistas, Maria Alice, Manuel Cascais e Francisco Santos, no jocoso. Noite de bom fado e alegria. No Café Luso, onde ha ordem, arte e respeito, passa V. Ex.ª uma noite agradável. O Café Luso é o divertimento mais economico da capital. Avenida da Liberdade, 31.

AUTOMOVEIS SEM CHAUFFEUR

Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

O porco falador

Um ventriloquo resolveu um dia divertir-se e foi a uma feira no Alentejo. Vestiu-se de camponês e percorreu o mercado umas poucas de vezes até que se decidiu a comprar um leitão, ou seja um porco pequenino. Chegou-se ao pé do vendedor, e perguntou-lhe quanto queria pelo animal.

—Duzentos escudos, lhe respondeu este.

—Não vale nem metade, retorquiu o nosso homem.

—Gra essa, o senhor com certeza não sabe o que está dizendo, diz o vendedor.

—Engana-se. Se afirmo que o animal não vale nem metade é porque ele está doente.

A indignação do homem dos porcos foi enorme. Chamou os compadres, os conhecidos, os vizinhos, e em pouco tempo juntou-se uma multidão comentando a attitude do estrangeiro. O ventriloquo agarrou no porco e perguntou-lhe:

—Mestre porco podes falar sem receio. Diz se estás ou não doente. Uma vizinha fanhosa respondeu:

—O meu dono é mentiroso, o que ele quer é vender-me e ver-se livre de mim. Mas engana-se porque eu estou muito doente, não posso ser vendido assim... Tenho de me tratar primeiro!

Podem calcular o terror de todos aqueles provincianos, ao ver o porco a falar!

Um, mais corajoso, foi chamar a autoridade, que prendeu o homem e o porco.

Levaram os dois á presença do regedor que lhe ordenou que fizesse falar o porco.

—Não sei se ele quer falar, disse o ventriloquo, o melhor é V. Ex.ª levá-lo para o seu gabinete e ver se ele conversa consigo á vontade.

Assim fizeram, mas a todas as perguntas, é claro, o porco ficava mudo. Pois se ele nunca tinha falado!

Chamaram o ventriloquo e travou-se o seguinte dialogo:

—Mestre porco..., chamou o homem.

O porco ficou calado.

—Mestre porco, retorquiu o ventriloquo, diga qualquer coisa, se faz favor, uma palavrinha só que seja para estes senhores ouvirem.

O porco soltou um grunhido rouco e ficou-se.

—Mestre porco fale, por favor. Não vê que me perde com o seu silencio, que me vão condenar por mentiroso se não ouvirem a sua maviosa voz.

Outro grunhido, e mais nada.

—Mestre porco, tenha dó de mim, diga a estes senhores qualquer coisa.

O porco disse então:

—Desde quando as criaturas da tua especie falam com o chapéu na cabeça ás pessoas da minha categoria?

Aterrados, cheios de medo, todos os que assistiam áquella cena tiraram os chapéus, e foram saindo á formiga.

Só ficou o regedor, a quem o ventriloquo explicou a sua arte, mas mesmo assim custou a convencê-lo de que não se tratava dum feiticeiro perigoso, pois queria mandá-lo para a cadeia.

Jurou que nunca mais tentaria intrujar os ingenuos nem os comerciantes, porque a brincadeira ia-lhe saindo cara.

Festas associativas

No Campolide Atletico Club realiza-se depois de amanhã a festa de apresentação do seu grupo dramatico, efectuando-se no dia 19 a primeira festa da Comissão dos Cinco.

Clinica da Trindade

Com o conforto dos bons consultorios particulares, consultas e tratamentos de todas as especialidades por preços modicos especialmente destinados ás classes medias dos empregados e suas familias.

R. da Trindade, 12, 1.º (ao largo do Carmo). Tel. 2 4124. Chamadas de noite pelo telefone L.º 277.

Mundano

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Leonor Manuel (Atalaia), D. Helena Ferrão de Castelo Branco, D. Luiza da Conceição Cardoso de Meneses (Margaride), D. Adelaide Lima Cruz, D. Maria Adozinda Pimenta, D. Constança Vitoria Abreu de Lima e D. Maria Helena de Oliveira Baeta.

—Faz hoje anos a sr.^a D. Herminia Martins Correia.

CASAMENTOS

Realizou-se na paróquia de S. Vicente o casamento da sr.^a D. Carmen Cezaryny de Vasconcelos, interessante filha da sr.^a D. Maria Mercedes Cezaryny de Vasconcelos e do sr. Viriato de Vasconcelos, com o tenente aviador da armada sr. Francisco Ferrer Caeiro, filho do distinto medico em Evora sr. Dr. Felício Caeiro, servindo de madrinhas as srs. D. Henriquette de Vasconcelos Carvalho Mourão e D. Felicidade Figueira Caeiro, e de padrinhos os srs. Nuno da Silva Carvalho Mourão e o distinto oficial de cavalaria João Mauricio Fernandes Espadanal.

Terminada a cerimonia foi servido um finissimo lanche, partindo os noivos, a quem foi oferecido grande numero de artisticas prendas, para Evora, onde foram passar a lua de mel.

A CARIDADE

Tarde de Cinema

Na tarde do dia 14 do corrente, realiza-se no Central, uma festa de caridade, organizada por uma comissão de gentis crianças pertencentes á nossa primeira sociedade, com fim de caridade, verdadeiramente altruista, estando o programa a ser elaborado com verdadeiro criterio artistico, pois será composto de filmes para crianças.

Os pedidos de bilhetes para esta encantadora festa de caridade, devem ser requisitados pelo telefone 2 8511.

ALMOÇO

Em honra do sr. J. F. Wooler, director delegado da Companhia Portuguesa dos Petroleos Atlantic, ofereceram os empregados da mesma companhia na quarta-feira passada, um almoço no Restaurante-Café Tavares, o qual decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, tendo-se no final trocado affectuosos brindes.

PONTOS DE REUNIAO

No Condes

Assistencia elegante ás exhibições do actual programa neste «cine» da avenida da Liberdade:

Viscondessa de Olivá, viscondessa de Tojal, viscondessa de Almeida Garrett, D. Maria da Conceição de Moraes Sarmiento Cohen, D. Maria Luiza Diogo da Silva Teixeira e filha, D. Maria Luiza Ribeiro da Silva Infante da Camara, senhora de Carlos Moutinho de Almeida e filha, D. Maria Luiza Bramão Reis do Carmo e Cunha, D. Josefina Neves Ferreira Canela de Abreu e filha, D. Maria Henriqueta Abrantes Pereira, D. Branca Vieira da Rocha, D. Maria Francisca da Camara Pinto Basto, D. Isabel Roque de Pinho Basto, D. Maria Briffa Roque de Pinho Biscaia Barreto, D. Emie Polnay de Castelo Lopes, D. Margarida Barbosa de Meireles, D. Alda Rodrigues de Macedo, D. Ofelia de Abreu Franco, D. Laura Machado Vieira, D. Margarida Querol Maciel, D. Maria Eugénia Criljanovich da Silva Machado, D. Maria Margarida Matos Chaves Supardo, D. Maria Adelaide Lima Cruz, D. Maria João Pacheco Contreiras, D. Maria Ribeiro da Costa, etc.

No Central

Assistencia elegante ás exhibições neste «cine» da Praça dos Restauradores, do actual programa:

Viscondessa de Tojal, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Maria Amelia Guimarães de Carvalho, D. Maria Perestrelo de Albuquerque de Orey, D. Rita de Sommer Pereira, D. Maria da Costa Barros Serra, D. Vera de Bettencourt Olavo, D. Margerith May de Carvalho e filha, D. Emilia Pimentel, D. Alice Borges de Oliveira Pires, D. Maria Luiza Bettencourt Rebelo Beneduch, senhora de Mario Novais, D. Maria João Pacheco Contreiras, D. Maria Gabriela Sousa Rego, D. Maria Tereza Pinto, etc.

DOENTES

Na casa de gaude militar da Estrela, foi operado com muito exito pelo ilustre cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves o menino Adriano Hugo de Corte Real Landers Cardima.

RADIO-CENTRAL

Reparações garantidas

Rua do Ouro, 292, 3.º D.º

TERRAS PORTUGUESAS

ELVAS — a desprotegida

No Alto Alentejo, a 7 quilómetros da fronteira e a 11 de Badajoz, capital da Extremadura espanhola, rodeada de fortes e grossas muralhas de solidez atestada por centenas de annos, ergue-se imponente na encosta de um monte um tanto despenhado para norte e quasi plano para sul, a heroica e mui nobre cidade de Elvas.

A data da sua fundação é tão remota que concretamente não ha pessoa alguma que a possa determinar. Aventa-se uma — o ano 3009 da criação do mundo — mas a duvida persistirá, porquanto não ha documentos que tal possam confirmar.

De positivo conhecem-se apenas alguns factos que têm permitido, de certo modo, fazer a historia de tão valerosa cidade.

Assim, sabe-se que o general cartaginês, Maharbal fez pacto de amizade com os seus habitantes (celtas?), quando em 3453 aquele povo veio á península.

Fosse quando fosse, a verdade é que os seus alicerces foram feitos numa epoca imensamente longinqua, tão afastada que se perdeu da memoria dos homens e a tradição escrita não regista.

Desde muito cedo, a sua situação invejavel, num monte de acesso impossivel pela banda do norte, rendeu-lhe foros de inexpugnável.

O tempo o confirmou bastantes vezes.

Definitivamente ela foi conquistada pelos portugueses em 1226. Reinava então D. Sancho II, que á frente dos seus guerreiros lutou denodadamente junto ás muralhas da activa Balesh ou Jelch.

A partir dessa data nunca mais ela deixou de ser portuguesa. Tornou-se mais forte ainda. Construíram-lhe em volta novas e pesadas linhas de muralhas. Do lado interior a povoação progredia estendendo-se para sul, toda em anfiteatro, como que postada aos pés do glorioso castelo romano-arabe que lá em cima, no cume do monte, se levanta altaneiro como sentinela vigilante.

Elvas jamais se rendeu e diante dos seus muros acamparam grandes exercitos comandados por valentes generais.

Aqui se deu, em 14 de janeiro de 1659, a memoravel batalha das linhas.

TAUROMAQUIA

Touradas em Africa

Realizando touradas na Africa Oriental encontra-se ali o exímio bandarilheiro Custodio Domingos que se faz acompanhar de um grupo de colegas seus. Deu já algumas touradas em Lourenço Marques e noutras localidades, tendo deixado admiravel impressão o seu trabalho e o seu esforço organizador. Todos os jornais dedicam a Custodio Domingos francos elogios, como artista e como organizador. Pessoalmente tem reunido inumeras simpatias.

Sob o ponto de vista financeiro as touradas da organização de Custodio Domingos têm sido prejudicadas pela inconstancia do tempo, mas a tenacidade do organizador supera, embora sem exito pratico que compense, estas contrariedades a que a tauromaquia esteve sempre sujeita.

Adelino Raposo

Adelino Raposo, o decano dos cavaleiros tauromaquicos portugueses, está recebendo muitas provas de estima, expressas em varios donativos, que são um lenitivo ás dificuldades que vem atravessando nesta altura dos seus oitenta annos. Assim, recebeu 200\$00 da direcção do Sindicato dos Toureiros; 50\$00 do toureiro Julio Procopio; 50\$00 do sr. José Mayer.

Bem haja quem assim prova bom coração e affecto pela mais velha figura do toureiro nacional.

Caminhos de Ferro Portugueses

Feira de Ramos em Evora

Por ocasião da Feira de Ramos, nos dias 3 e 4 de abril, a C. P. organiza um serviço especial, com bilhetes de ida e volta a preços muito reduzidos, validos para a ida de 1 a 4, e para a volta até 5.

No dia 3 de abril haverá um comboio especial, ás 15 e 55, de Reguengos para Evora, e outro ás 23 e 40, de Evora para Reguengos.

de Elvas que a nossa historia regista nas suas folhas de ouro.

Elvas, com os fortes que se construíram nas suas proximidades, dos quais o mais importante é de Nossa Senhora da Graça ou de Lippe, passou a ser considerada como a primeira praça de guerra do nosso país e uma das primeiras da Europa.

Entregou-se-lhe a «Chave do Reyno» que ela soube sempre defender com acendrado patriotismo.

Em Elvas floresceram grandes valores nas letras, nas artes e nas ciencias: Garcia d'Orta, Aires Varela, dr. Francisco de Paula de Santa Clara, D. fr. Lopo de Siqueira Pereira, José Joaquim Bordallo, João Joaquim de Andrade, Joaquim Filipe Nery da Encarnação Delgado, João de Fontes Pereira de Melo, generais Maximiano de Brito Mosinho, D. João da Silva, José Maria de Pina, Fortunato José Barreiros, e muitissimos outras militares illustres e briosos.

Foi patria de Gil Fernandes, aquele energico e intemerato companheiro de D. Nuno Alvares Pereira; de Antonio Tomáz Pires, o infatigavel folclorista, de Vitorino de Almada, insigne escritor, e aqui nasceu o actual ministro da guerra, sr. coronel Passos e Sousa.

Pois é esta leal cidade que desde o final das lutas liberais até ao presente os poderes publicos quasi têm olvidado e desprotegido.

Elvas, com um passado nobilitante, chegando durante algum tempo a sustentar ela só a independencia de Portugal, anda atrasada no que se refere a progresso em algumas dezenas de annos.

Eis o que lhe falta e que nós aponhamos ao ilustre governo do sr. dr. Oliveira Salazar: uma escola tecnica ou uma escola industrial e comercial, um mercado coberto, uma estação telegrapho-postal decente, uma cadeia civil (a actual é um antro imundo mesmo no centro da cidade), e uma abertura nas muralhas para expansão de novos arruamentos, para alargamento da povoação, que está asfixiada por uma cinta de fortificações que em face da moderna ciencia militar pouca utilidade têm.

Manter Elvas assim abandonada, é uma grave injustiça, que a Razão e o Dever mandam reparar quanto antes.

EURICO GAMA

GREMIOS REGIONAIS

Efectua-se amanhã no Gremio Alentejano o anunciado baile da Primavera que se revestirá de grande brilhantismo, estando a sala «Agostinho Fortes» a ser lindamente decorada.

—Na Casa de Pedrogão Grande realiza-se depois de amanhã, pelas 21 horas, uma «soirée» dançante.

SUFRAGIOS

D. Irene Moreira Rato da Fonseca

Sufragando as almas da sr.^a D. Irene Moreira Rato da Fonseca e de sua filha, a menina Maria Tereza Moreira Rato da Fonseca, reza-se amanhã, ás 11 horas, uma missa, na igreja dos Paulistas.

Comboio de excursão a Coimbra-Louza, no domingo, 5 de abril, organizado pela C. P.

Visitar Coimbra ou Louza disfrutando o encantador panorama do vale do Mondego, é a oportunidade que a C. P. oferece no proximo domingo 5, num Comboio de Excursão que partirá de Lisboa R. pelas 7 e 30 e chegará a Louza pelas 11 e 50 regressando dali pelas 19 e 40 para chegar a Lisboa pelas 0 e 25. Ver horario definitivo no cartaz.

Preço—Para Coimbra 30\$00 em 3.ª classe e 45\$00 em 2.ª. Para Louza 33\$50 em 3.ª classe e 50\$00 em 2.ª. Marcação 2\$50.

Os bilhetes são também validos para embarcar e desembarcar em Olivais, Sacavem, Alhandra, V. Franca, Pombal e Alfaiões.

Inscrição nas Informações da estação do Rossio.

As pessoas da provincia que queiram bilhete para este comboio é concedida a redução de 45 0/0 na viagem para Lisboa e volta, devendo dirigir-se ao Serviço de Turismo, estação do Rossio, 1.º andar. Telefone 2 4146.

SEMANA DAS COLONIAS

Vão muito adiantados os trabalhos da organização da proxima Semana das Colonias que este anno revestirá novas formas de propaganda.

Muitos organismos de educação e trabalho responderam já ao apelo que lhes foi dirigido pela Sociedade de Geografia de Lisboa, no sentido de colaborarem nessa patriótica manifestação que anualmente se faz em prol do nosso Imperio Colonial. Visível tem sido o interesse que muitos coloniais têm manifestado pela idéa prontificando-se a fazer conferencias e palestras sendo de esperar que outros venham espontaneamente concorrer, para um vantajoso desiderato.

São já bastantes os objectos de arte indigena das colonias portuguesas de Africa oferecidos particularmente para figurarem por empréstimo na exposição que está sendo organizada por ilustre artista desta cidade.

Contudo a comissão organizadora, pela urgencia que o serviço de catalogação demanda, roga, mais uma vez, a todas as pessoas que possuírem quaisquer pequenas figuras da referida arte, o favor de as cederem por uns dias, mediante recibo, na certeza de que assim concorrerão para que resulte brilhante o projectado certame que muitos portugueses e estrangeiros poderão contemplar de 19 a 26 do corrente na sala Portugal da Sociedade de Geografia.

Os objectos de ouro, prata e marfim figurarão em vitrines apropriadas ao seu realce e segurança.

NOTICIAS DA FIGUEIRA DA FOZ

Abril, 1.

BENEFICENCIA DA FIGUEIRA—Não obstante os esforços do administrador do concelho, sr. Carlos da Silva Pestana, que com dificuldade está mantendo a instituição de Beneficencia da Figueira, criada ha annos para subsidiar os pobres e evitar, consequentemente, a mendicância na via publica, as suas condições financeiras são, infelizmente, muito precarias.

Bem seria, por isso, que o Estado beneficiasse quanto possível esta instituição, a fim de se evitar o espectáculo de miséria na via publica.

UM BODO A 800 POBRES—No proximo domingo, o sr. administrador do concelho faz distribuir no posto de Policia desta cidade um bodo a 800 pobres.

Deve-se esta iniciativa ao «Consortio de Seguros» com sede em Lisboa, que fez distribuir pelas diversas cidades da provincia um vagão de arroz e açúcar para ser distribuido por intermedio dos administradores de concelho aos pobres mais necessitados.

SPORTING CLUB FIGUEIRENSE—Para eleição dos novos corpos gerentes e aprovação do respectivo relatório e contas, reunem-se na proxima sexta-feira a assembleia geral deste popular clube.

ESPECTACULOS POPULARES—A empresa do Casino Peninsular tomou a iniciativa de, ás quintas-feiras e domingos, dedicar as «matinées» cinematographicas aos Sindicatos da Figueira e aos collegios particulares e escolas officiais, ao preço de 1 escudo.

FESTA DE BENEFICENCIA—No proximo dia 2 de maio effectua-se no salão nobre do Grande Casino Peninsular, cedido pelo seu proprietario, sr. Alfredo da Silva, uma festa de caridade, que uma comissão de senhoras figueirenses está organizando.

Esta festa, cuja receita reverte a favor da instituição de caridade *Obra da Figueira*, que tem a seu cargo a manutenção dos dois asilos locais, de velhos e crianças, promete revestir grande importancia e deve marcar como uma das melhores festas mundanas da Figueira.

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º — Telefone 26195

DR. ARMANDO NARCISO—Medicina. Coração e pulmões—5 h.

DR. BERNARDO VILAR—Cirurgia geral. operações—5 h.

DR. MIGUEL DE MATTIAS—Rins e vias urinarias—12 ás 14 h.

DR. CORREIA DE FIGUEIREDO—Fele e sífilis—5 h.

DR. LOFF—Doenças nervosas, electroterapia—2 h.

DR. MARIO DE MATOS—Doenças dos olhos—2 h.

DR. MENDES BELLO—Estomago, figado e intestinos—3 h.

DR. FILIPE MANSO—Doenças das crianças—2 h.

DR. CASIMIRO AFONSO—Doenças das senhoras operações—2 h.

DR. FRANCISCO CALILIOS—Garganta, nariz e ouvidos—4 h.

DR. ARMANDO LIMA—30ca e "entes, proteccao—12 h.

DR. ALEN SALDANHA—Rato X—4 h.

ANALISES CLINICAS

Quer a sorte grande? Habilita-se na tabacaria MADRID Rua do Mundo, 115

DE LUTO

Antonio Gonçalves Ribeiro

Na sua residência, rua Silva Carvalho, 226, 2.º, faleceu hoje de manhã o sr. Antonio Gonçalves Ribeiro, de 58 anos de idade, solteiro, encartado, casado com a sr.ª D. Elvira da Conceição Amado Ribeiro. Era pai da sr.ª D. Maria Adelaide Amado Ribeiro, casada com o professor do Conservatório Nacional, sr. Jaime Silva (filho).

O extinto, que gozava das simpatias gerais, trabalhava há cerca de 30 anos nos assuntos financeiros da Companhia de Crédito Predial.

O seu funeral realiza-se amanhã, às 15 horas, da morada acima indicada para o cemitério dos Prazeres.

D. Maria Gertrudes Ribeiro Freire de Almeida

Faleceu hoje a sr.ª D. Maria Gertrudes Ribeiro Freire de Almeida, esposa do professor oficial primário aposentado, sr. Antonio Augusto Barros de Almeida, e mãe do sr. Antonio Duarte de Almeida, despachante da Alfândega de Lisboa, e da sr.ª D. Ema Augusta Freire de Almeida.

O funeral realiza-se amanhã, às 15 horas, para o cemitério de Benfica. O acompanhamento é a pé.

Alimente
A Sua Pele e
Parecerá Nova

O Biocel da Pele

produto surpreendente proveniente de
ANIMAIS NOVOSAplicado Exteriormente Restitui
à Pele a Juventude

O Professor Dr. Stejskal, da Faculdade de Medicina de Viena, maravilhou o Mundo com o anúncio duma formidável descoberta que restitui à pele a sua juventude. Este produto, chamado "Biocel", é um maravilhoso tecido, extremamente concentrado, proveniente de animais muito novos. Empregado pelo Professor Dr. Stejskal, para experiências de nutrição da pele, em senhoras de 55 a 72 anos, as rugas desaparecem completamente no período de seis semanas. (Veja o relatório pormenorizado no Jornal Médico de Viena). Os direitos exclusivos desta descoberta foram adquiridos por Tokalon, e o Biocel está agora combinado com outros elementos nutritivos da pele contidos no Creme Tokalon, Alimento para a Pele, Cór de Rosa, segundo a Formula do Professor Dr. Stejskal. Graças ao seu continuo emprego uma pele envelhecida e estragada pode rejuvenescer-se rapidamente, as rugas desaparecerem e os músculos flácidos e enfraquecidos do rosto serem tonificados e reforçados. As senhoras de 50 anos, ou mesmo as de 60, podem conseguir semblantes que poderão fazer inveja a bastantes raparigas.

Empregue este novo Creme Tokalon (Biocel) Alimento para a Pele, Cór de rosa, à noite, antes de se deitar: alimenta e rejuvenesce a sua pele durante o sono. De manhã, empregue o Creme Tokalon, Alimento para a Pele, Cór Branca (não gorduroso): suprime os poros dilatados, os pontos negros e serve de boa base ao Pó de Arroz.

A venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende sem demora.

O custo da vida na Alemanha

baixou 25 por cento segundo dizem
alguns observadores diplomaticos

BERLIM, abril.—Segundo as investigações levadas a efeito por observadores diplomaticos imparciais, em três anos de regime nazi diminuiu 25 0/0 a carestia da vida. A causa deste facto deve-se à subida de preços, à diminuição dos salários, a falta de inferioridade de muitas mercadorias e às muitas subscrições publicas. Convm indicar que esta descida no nível medio da vida não atingiu os dois milhões de desempregados—nem os três milhões segundo os nazis—que voltaram a encontrar trabalho, em consequencia da pressão oficial exercida sobre as empresas e o aumento de produção industrial, determinada pelo rearmamento da Alemanha, pelos programas de obras publicas, etc.

Estes alemães encontram-se, actualmente, em melhores condições do que quando se achavam desempregados. Mas ao lado destes mais beneficiados, encontramos aqueles que por serem judeus ou indesejáveis politicos foram expulsos dos empregos. Para os economistas é difícil determinar as causas que motivaram a descida do nível de vida em 25 por cento, porque os factores que o determinaram são, bastante vagos. Sabe-se, porém, que se não pode viver, hoje, como se vivia há três anos. No mercado a dona da casa tem que pagar os generos de primeira necessidade por preços muito mais elevados. Uma capa impermeavel custa, actualmente, o dobro e é de inferior qualidade, ás que se vendem em Londres ou Nova York. Os artigos de lá também são caros, e geralmente estão misturados com substitutos artificiais.

Os preços no mercado, a julgar pelos numeros oficiais aumentaram, apenas, entre 10 e 15 0/0. Mas muitos observadores dignos de credito afirmam que tais numeros são fictícios visto que os produtos alimenticios subiram 25 0/0, principalmente os produtos de primeira necessidade. Deve dizer-se que se não tivesse sido estabelecido o controle nos preços, estes teriam aumentado ainda mais. A escala de salarios continua sendo aproximadamente a mesma que a estabelecida pelos sindicatos antes de os nazis os destruir. Mas, efectivamente não representam salarios reais. Em primeiro, lugar, porque em consequencia do numero de desempregados, que o governo obrigou a industria a em-

pregar, registou-se uma diminuição nas horas de trabalho por semana, e por isso o jornal de um operario ao cabo de seis dias de trabalho, é muito mais reduzido. A isto deve acrescentar-se as somas com que obrigatoriamente tem que se entrar: contribuições para o partido, cotas de trabalho, para a defesa aerea, para pertencer a outras organizações, subscrições obrigatorias para um cem numero de coisas, desde livros e jornais até bustos do Fuehrer. Um funcionario do Estado, que recentemente se queixou deste abuso pagava mensalmente, trinta e duas contribuições o cotas; era casado e tinha cinco filhos. É claro que, muitas destas subscrições, não passam de dez e quinze «pfennings», mas somadas, fazem alguma coisa no fim do ano. Na rua ouvem-se constantes pedidos para a Campanha de Socorro de Inverno, para os alemães no estrangeiro, etc.

Não se aumentaram as contribuições, nem os impostos, mas as subscrições que continuamente se apresentam equivalem a um verdadeiro aumento.

Outro factor de importancia é a falta de alguns produtos alimenticios. A carne de porco, manteiga e ovos são sempre difíceis de conseguir. Os ovos tornam-se tão raros como exemplares de museus.

Os estrangeiros que residem em Berlim adoptaram a tática seguida em Moscovo, qual é a de pedir ás pessoas que vão ao estrangeiro, que na volta tragam os generos e coisas de que têm necessidade.

As economias não aumentam porque os alemães não estão em altura de poder guardar dinheiro, segundo dizem os observadores entendidos.

É certo que o governo faz tudo quanto pode para aumentar o nível de vida do povo alemão.

Todavia os observadores indicam que a curva de descida no custo da vida continuará a descer, a não ser que a Alemanha encontre novos mercados para os seus produtos manufacturados.

A actividade comercial e o comercio estão baseados em dois terços de pedidos governamentais.

Mas, tal emprego de capital não é produtivo, porque o governo o destina a maior parte, armamentos, obras publicas, estradas.—(United Press).

Caixa de Reformas e Pensões

Os artistas teatraes contribuem com o seu talento e com o melhor do seu esforço para abrihantar e concorrer para todas as festas de caridade. Pode afortunadamente dizer-se que sem a colaboração dos artistas teatraes não se realizam espectáculos de caridade. É pois justo e humano que neste momento que eles apela para a generosidade dos outros, todos lhes deem também o seu auxilio e a sua cooperação. Os artistas teatraes realizam no proximo dia 11 o sortido dum elegante e valioso automovel «Terrapl ne» que se acha exposto no largo D. João da Camara. Os bilhetes encontram-se á venda no quiosque Tivoli ou na rua da Madalena, 171, 1.º. Podem também ser requisitados pelos telefones 4 1968 ou 2 1318.

É um favor—quasi um dever—que todos auxiliem esta iniciativa que vai enxugar muitas lagrimas aos velhos artistas a quem o publico deve tantas horas de alegria.

Curso livre de cirurgia

em Santo Antonio dos Capuchos
Com a assistencia de medicos recentemente formados e de alunos dos ultimos anos da Faculdade de Medicina, efectuou-se hoje o encerramento do ano lectivo do curso livre de cirurgia, que o sr. dr. Luiz Adão rege gratuitamente desde novembro.

No fim da aula foi entregue áquele illustre cirurgião dos hospitais civis de Lisboa uma mensagem com grande numero de assinaturas.

Caminhos de Ferro Portugueses

Semana Santa e Feira em Sevilha

Por motivo das festas da Semana Santa e da Feira em Sevilha, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses organiza um serviço combinado com a «Empresa Automobilistica Internacional», com bilhetes de ida e volta a preços muito reduzidos, validos para a ida de 3 a 20 e para a volta até 30 de abril.

O CURSO DE FERIAS

sobre os problemas do coração

Hoje, ás 10 e 30, o professor dr. Mario Moreira pronunciou, na Biblioteca do Hospital Escolar de Santa Marta, a sua lição sobre evolução comparada das lesões valvulares mitraes e aorticais, seguindo-se-lhe o professor dr. Eduardo Coelho que disse sobre a patogenia e tratamento de síndrome Stock Adama.

Às 14 e 30, o professor dr. Augusto Monjardino deu, na Faculdade de Medicina, a sua lição sobre perturbações cardiacas no bocio e seu tratamento. E ás 15 e 30, o professor dr. Vitor Fontes occupou-se da anatomia do coração.

Amanhã, ultimo dia do Curso de Ferias promovido pelos quintanistas de Medicina, o programa é o seguinte:

No hospital de Santa Marta: ás 10 e 30, lição do professor dr. Mario Moreira acerca de lesões valvulares e arritmias; e ás 11 e 30, lição do professor dr. Eduardo Coelho sobre insuficiencia circulatória e metabolismismo.

Na Faculdade de Medicina: ás 14 e 30, lição do professor dr. Francisco Gentil acerca de cirurgia cardio-pericardica e cardiografia.

Festa de homenagem

O espectáculo que estava marcado para hoje no Royal Cine, em homenagem ao guitarrista Domingos Costa, fica transferido para o proximo dia 14, em virtude dos artistas que nele colaboravam terem de tomar parte na festa dos Vendedores de Jornais.

Sociedade "ESTORIL"

Caminho de Ferro de Cals do Sodré a Cascaes
AVISO AO PUBLICOBilhetes especiais a preços reduzidos
em combinação com a Sociedade
Estoril-Plage

A partir de 1 de abril de 1936, vender-se-ão bilhetes a preços reduzidos, dando direito a:

1.º—Transporte pelo Caminho de Ferro, em 2.ª classe, entre as estações de Cals do Sodré e Estoril e vice-versa; transporte em automovel desta estação ao Casino do Estoril e vice-versa; entrada no Casino; despesas no Casino (até á concorrência de 2\$50).

2.º—O mesmo e mais transporte de automovel em Lisboa (até á concorrência de 3\$50).

PREÇOS

1.º Sem serviço de automovel em Lisboa

12\$50

2.º Com serviço de automovel em Lisboa

15\$00

OBSERVAÇÕES

a) — Os bilhetes sem serviço de automovel em Lisboa são vendidos na estação de Cals do Sodré.

b) — Os bilhetes com serviço de automovel em Lisboa vendem-se na estação de Cals do Sodré e nos seguintes locais: Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs, Avenida Visconde Valmor, 70 a 76 (Telef. 4 6141) e na sua sucursal atrás da estação do Rossio; Tabacaria Chave de Ouro, Rossio; Café-Restaurant A Cubana, Avenida da Republica, 37-A (Telef. 4-0013); Pastelaria Bijou de l'Avenue, Avenida da Liberdade, 84-88 (Telef. 2 3339); Bijou de l'Avenue, sucursal na Avenida da Liberdade, 87-89 (Telef. 2 3330); Pastelaria Rex, Rua da Palma, 128-130 (Telefone 2 8804); Pastelaria Luso-Americana, Avenida Almirante Reis, 146-A (Telef. 4 7765); Tabacaria Abadia, nos Restauradores, Palacio Foz e Turismo Portugal, Ltd., Rua de S. Nicolau, 82, r/c. (Telef. 2 8402).

c) — Quando haja no Casino festas extraordinarias, em que o custo da entrada seja superior a 5\$00, o possuidor do bilhete especial terá de pagar o excesso sobre essa importancia.

Condições do transporte em Caminho de Ferro

1.º—Os passageiros têm a faculdade de poder viajar em 1.ª classe desde que paguem a diferença entre os preços dos bilhetes de 1.ª e 2.ª classes sem redução, em relação á Tarifa Especial n.º 1 de G. V.

2.º—Em tudo mais vigoram as condições da Tarifa Especial n.º 1 de G. V.

Lisboa, 25 de Março de 1936.

O Engenheiro-Director

M. Bello

"Hotel da Praia do Sol"
Costa de Caparica

Aberto todo o ano

Reposso

Optima temperatura

Tel. Caparica 112

ONDULAÇÃO PERMANENTE

Sem flos e sem electricidade

35 escudos

Aplicações com todas as tintas

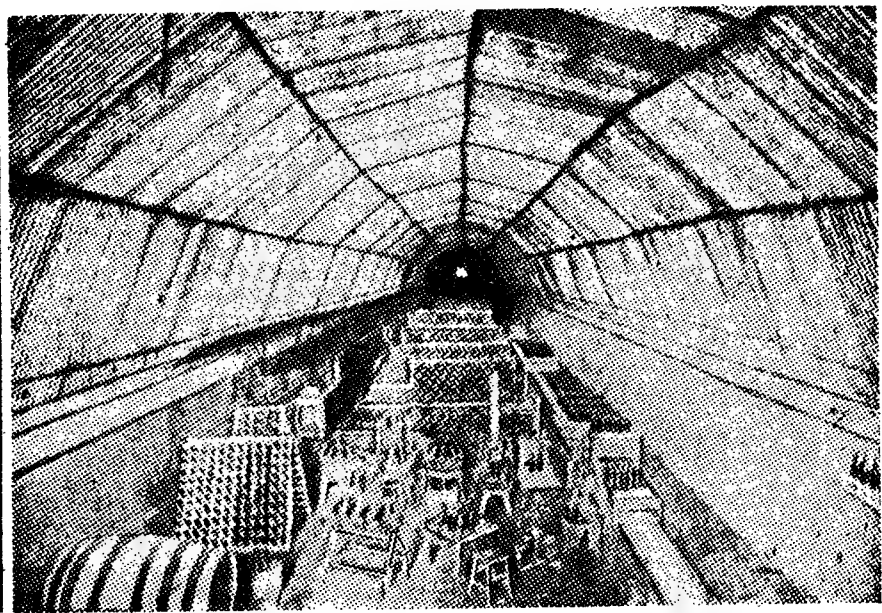
20 escudos

Tudo incluído. Executados sob a direcção dos mestres cabeleiros

Elvira e Carlos de Oliveira

Rua do Ouro, 127, 1.º Esq. — Tel. 2 7044





E' neste tunel-cave, que mede quasi um quilometro de comprimento e é o maior, não só de Portugal mas também da Península, que são cuidadosamente conservados, envelhecidos, tratados e engarrafados os espumantes naturais da



Se querem ter a certeza de que bebem ou oferecem autenticos espumantes natu-

rais, e não vinhos brancos gazificados pela adição de gaz acido carbonico sob pressão, prefilam os espumantes naturais da REAL COMPANHIA

a Beleza numa Bismaga

É verdadeiramente a beleza numa bismaga que vos oferece o

CRÉME MATITÉ

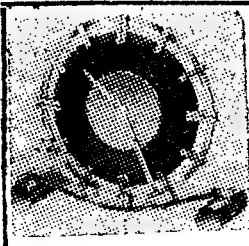


pois os melhores rouges e os pós mais aderentes são ineficazes se a vossa epiderme não está preparada para os receber. Termine sempre a sua toilette com uma aplicação de crème MATITÉ e a sua tez admirável causará muitas invejas. É uma criação de

L. T. PIVER

cujos productos fabricados em Portugal são exactamente iguais aos elaborados nas 25 fábricas Piver espalhadas por todo o mundo: — as mesmas matérias primas, os mesmos métodos de fabricação, as mesmas fórmulas.

HAVAS



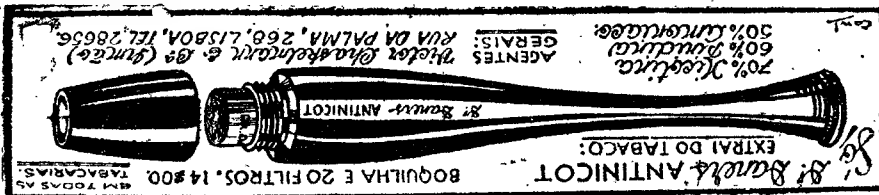
Que lindos são os novos modelos de despertadores e relógios de parede que o

TORROAES

recebeu!!!!

119, Rua da Prata, 123

Tell: 24210



GRÊMIO DOS INDUSTRIAIS DESCASCADORES DE ARROZ

Rua Augusta, 27 — 1.º — Dt.º

Este Grémio está comprador de arroz exótico em película ::

Recebem-se propostas em carta fechada até às 12 horas do dia 7 :: do corrente ::

Na sede do GRÊMIO prestam-se os necessários esclarecimentos ::

Lisboa, 2 de Abril de 1936.

A DIRECÇÃO

CARTAZ

— TEATROS —

Avenida—A's 21 e 30—«Sexo fraco».
Apolo—A's 20 e 45 e 22 e 45—A revista «Ha Festa na Mouraria».
Variedades—A's 20 e 30 e 23—«O João Ninguém».
Coliseu—A's 21 e 45—«Requiem» de Berlioz.

— CINEMAS —

São Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 15.
Central—A's 21 e 30.
Odeon—A's 21 e 15.
Condes—A's 21 e 30.
Olimpia—Das 14 e 30 às 0.
Capitolio—A's 21.
Palacio—A's 21 e 30.
Chiado Terras—A's 21 e 15.
Royal-Cine—A's 21 e 30.
Jardim Cinema—A's 21 e 15.
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Paris—A's 20 e 45.

VINHO DE COLARES
VIUVA GOMES
O MELHOR DOS MELHORES
E MAIS ACONSELHADO
VENDE-SE EM TODA A PARTE

Capristano & Ferreira, L. da

BOMBARRAL

HORARIO DAS CARREIRAS DE AUTO-CARS

Carreiras

Horas de partida

Lisboa—Leiria	7,00—12,3—16,30
Lisboa—Peniche	7,30—17,30
Lisboa—Nazaré—Alcobaca	8,30—14,30—19,45
Lisboa—Lourinhã—Bombarral	18,30
Leiria—Lisboa	7,50—15,06—19,00
Alcobaca—Nazaré—Lisboa	7,30—10,05—14,30
Peniche—Lisboa	7,00—14,45
Bombarral—Lourinhã—Lisboa	7,30
Peniche—Caldas da Rainha	7,45—11,0—15,30—19,30
Caldas da Rainha—Peniche	9,30—12,30—17,30—22,00
Peniche—Torres Vedras	8,45—16,00
Torres Vedras—Peniche	11,29—19,50

Com ligação em Leiria com a carreira do Porto
Lisboa—Porto às 7,00—12,30
Porto—Lisboa * 7,40—12,30

Partidas de Lisboa

Largo de S. Domingos, 11 letra A
(Palacio Conde de Almeida)
TELEFONE 21003

Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115



Não se segura nas pernas?!

O remedio é facil e economico: basta tomar todas as manhãs um caldo de farinha de fava d'A Mariazinha: e, dentro em pouco, fica com as pernas rijas como o ferro.

A Mariazinha

Rua Barros Queiroz, 26 e 28
(à Igreja de S. Domingos)



Antonio Gonçalves Ribeiro
FALECEU

Elvira Amôdo Ribeiro, Maria Adelaide Amôdo Ribeiro da Silva, seu marido Jaime Silva (Filho) e mais familia, participam o falecimento de seu querido marido, pai, sogro, irmão, cunhado e tio cujo funeral se realizará amanhã, pelas 15 horas, da sua residência Rua Silva Carvalho, 226, 2.º, Direito, para o cemiterio dos Prazeres.

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

CRONICAS DUM SUJEITO DE IDADE

DO HERMETISMO

da poesia moderna

pelo dr. RAMADA CURTO

Eu tinha lido coisas extraordinárias acerca deste poeta. Em referências críticas, artigos que eram hinos de entusiasmo, afirmava-se que o poeta era uma revelação, marcava um lugar apazite nas nossas letras e a sua arte, ao mesmo tempo cintilante e profunda, trazia às almas uma mensagem nova, abria às inteligências novos horizontes e às sensibilidades um mundo inexplorado, cheio de ineditismo e de beleza. Eu adoro os poetas. Devo-lhes momentos deliciosos. Afirmando mesmo que, para a minha sensibilidade, a vida sem os poetas e os músicos seria insuportável. A Arte tem a missão de nos fazer melhores; é dum certo modo, criadora da moral. Duma moral, sem sanções nem obrigações, toda de simpatia, de piedade humana, de benevolência que, por ser assim, é também beleza. *L'art c'est de la tendresse*—como diz o admirável Guyau. Foi por tudo isto que eu encontrei numa livraria e comprei o livro. Pediram-me dez escudos e eu, já se deixa ver, paguei e trouxe para casa a revelação e a mensagem.

Ora sucede que ainda não estou em mim da decepção. É certo que ela não é nova. Tem-me sucedido, coisa semelhante, algumas vezes. Mas é sempre desagradável. E não se cuida que eu ache caro uma decepção por dez mil réis. O que me contraria e quase vexe é que eu, acabada a leitura, senti-me humilhado. Quando se está de boa-fé dificilmente se suportam humilhações deste genero. A leitura desse grande poeta trouxe-me a deplorável desconfinança de que não sou capaz de perceber a beleza onde ela se encontra. Mais ainda: adquiri a dolorosa certeza de que, lado a lado comigo, roçando-me nas ruas, possivelmente acotovelando-me nos lugares públicos, existe uma humanidade que fala a mesma língua que eu mas para quem as palavras dessa língua, das quais eu me sirvo para criar o mundo conceitual que me permite pensar e entender o meu semelhante, têm um significado estranho, diverso, absolutamente fechado à minha elementar compreensão.

Isto é particularmente aflitivo. Eu não desconheço que a ciência nos revela a indiferença do Cosmos pelas nossas idéas,—mesmo aquelas que nós julgamos fundamentais, como dados imediatos da nossa consciência. As noções de espaço, de tempo, de causa, essas mesmas, são noções humanas, e a física contemporânea encarrega-se de nos mostrar que é estulta a nossa pretensão, querendo que elas sirvam além da escala humana, para o infinitamente grande e para o infinitamente pequeno.

Mas eu não me sinto nem planeta nem atomo. Isto diz respeito à ciência e à metafísica, se quizerem. Se o poeta que eu acabo de ler vive num mundo a quatro dimensões e, por um incompreensível milagre, pode comunicar com este em que eu me agito, então a sua linguagem deveria ser outra, a matemática—e, se o fosse, eu não te-

ria gasto os 10 mil réis! É um caso de deslealdade literária. Porque eu posso comprar para meu deleite, um poema, mas passo indiferente pela montanha de um livro diante dum tratado de Cálculo Diferencial.

Escrevo estas coisas porque tenho ouvido dizer que a poesia contemporânea tem a missão de se dirigir à inteligência em vez de procurar falar à sensibilidade. Se assim é, então fica assente que nunca mais lerei poetas e quando estiver disposto a uma forte contensão de espírito, procurarei ler o Einstein, por exemplo, para que ele me desvende os segredos do Universo.

Quando eu era novo, os poetas, mesmo quando tinham uma filosofia, não se dispensavam de ser poetas, de criar beleza, e abriam-nos o mundo infinito dos sonhos, infligindo-nos os deliciosos tormentos que a mesma beleza dá às almas novas sequiosas de a desvendar e de a sentir. Já havia poetas filósofos—mas eram poetas. Não é a filosofia que faz a imperecível gloria de Antero—é a beleza dos seus sonetos co-

mo que esculpidos em mármore por um cinzelador de génio. Lesonthe de Lisle, Sully Prudhomme, Madame Ackermann, Guyan, eram poetas, filósofos, falavam à inteligência, mas não deixavam de ser uns admiráveis, profundos e perturbantes artistas. Porventura a Arte dos poetas contemporâneos nos tem a dizer coisas tão difíceis, que se julgue, por isso mesmo, dispensada de ser inteligível?

Desconfio bem que não. Se alguém conseguisse forçar as portas de ouro do Palácio Encantado onde eles guardam a agudeza e o inedito das suas locubrações cerebrais e se as portas de ouro se abrissem com fragor, esse alguém só se veria lá dentro «cheio de horror».

«Silêncio, escuridão e nada mais... Uma coisa parecida foi dita em plena Academia Francesa, no discurso de recepção, ao eminente autor da «Jeu-ne Parque» e do «Cimetière Marin».

Isto serve, à maravilha o poeta que eu acabo de ler, colocando-o em ótima companhia. Por mim, fico con-

trariado por me saber na companhia do célebre general de Mallarmé, de que fala Nordau.

Eu conto. Stephan Mallarmé foi um dia fazer uma conferência a uma cidade de província. Na primeira fila dos ouvintes o «maire», o juiz, o procurador da República e o general comandante da Divisão, todos ansiosos por ouvir o grande homem de Paris e a compita sobre qual se mostraria mais compreensivo e mais amável. O general desfazia-se em mesuras. Quando o poeta começou a falar, pôs a mão em concha no ouvido para não perder uma palavra e com um «schü» imperioso exigiu silêncio à assistência. E agora começa a expressão fisionómica do general a mudar. Ao princípio atenção, depois surpresa, interrogação ansiosa, pasmo, quase angústia, até que, afinal, não se contém. Levanta-se, bate com as esporas e sai vermelho de furia, dizendo:—«o homem que vem de tão longe para nos dizer estas coisas sem nexo ou é doido ou está a fazer pouco de nós!»

E todavia Mallarmé, que julgou que se podia fazer poesia pura, reduzindo as palavras a meros sons musicais evocadores de emoção e imagens, fazendo tábua rasa da lógica e da gramática, o artista possesso da obsessão de comunicar o incomunicável e de exprimir o inefável, deixou alguns versos isolados, duma real beleza—que se recordam e se repetem desde que uma vez se lhes aprendeu o sentido e o estranho encanto.

É que, descontando os mistificadores sedentos de reclame, em França como cá, entre os simbolistas, os decadentes, os «romanos» havia grandes artistas, grandes poetas. A sua arte foi uma reacção salutar contra a estagnação ambiente, um grito de revolta, exagerado é certo, mas de que ficou a boa liberdade do artista, desde que tivesse coisas para dizer, dizê-las ampliando os modos de expressão da língua, servindo-se de todos os tons da cor e de todas as gamas do som. Verlaine, o nosso Eugénio de Castro, são dois grandes, dois admiráveis poetas. O primeiro, ingenuo e complicado, espontâneo e rebuscado ao mesmo tempo, não passará nunca, enquanto houver sensibilidade nos homens para sentir a beleza expressa em palavras e em ritmo. E do nosso, o neo-classico do Amel de Polycrates, da Fonte do Satiro, da Constância, não nos faz esquecer, os Oaristos, a Salomé, a Filha de rei guardando patos, e outras maravilhas. Porque, através de tudo, eles nunca pretenderam ser outra coisa mais do que poetas, falar à sensibilidade e à emoção estética.

Não se pode pretender por problemas puramente intelectuais com aproximações verbalistas. As coisas de inteligência exigem expressões claras. O hermetismo intelectual significa que, quasi sempre, «o rei vai nu».



“O homem do cravo”, de Jan Van Eyck

(Ver continuação na página seguinte)



O sr. Martinez Lopes, na lição inaugural de Literatura Espanhola, realizada ha semanas na Faculdade de Letras, além dos muitos e preciosos ensinamentos que ofereceu ao seu auditorio, deu-nos uma novidade interessantissima:—a simpatia literaria do grande Valle-Inclan, pela obra de Teixeira de Queiroz (Bento Moreno), hoje tão injustamente esquecido em Portugal. Certo, o valor e a importancia da obra de Teixeira de Queiroz justificam todas as admirações, e uma colecção dos seus contos, editada em Espanha na tradução perfeita de D. Pedro Blanco Suarez alcançou ali exito notavel. Mas o que torna singularmente digna de registo a preferencia de Valle-Inclan é a completa dessemelhança de inspiração e processos artisticos do romancista espanhol e do romancista português. Talvez em arte se verifique também a lei eterna da vida:—os contrarios atraem-se... Seja como for, não é indifferente que um homem de genio, como Valle-Inclan, confessasse ao illustre sr. Martinez Lopes, seu amigo dedicado, o culto que lhe merecia o autor da «Grande Quimera» e do «Antonio Fogueira», que só em Portugal parece não ter atingido ainda a gloria que os altos espiritos da nossa terra, aliás, não lhe contestam.



O nosso genio poetico não o transmitimos só ao Brasil, pois vive também em Cabo Verde. A prova da vitalidade intelectual dessas ilhas dá-a a bela revista que, com o titulo de «Clari-dade», um grupo de rapazes de talento começou agora a publicar em São Vicente. No primeiro numero destacam-se os nomes dos poetas Manuel Lopes, Jorge Barbosa e Osvaldo Alcantara, o do romancista Baltazar Lopes da Silva e o dum futuro ensaista, João Lopes.



«Os Cadernos de Barbarias», que se publicam em Tumbis, acabam de nos revelar, graças á tradução francesa, o livro de poemas dum poeta de lingua inglesa, Roy Campbell nascido em Durban, a cidade da Africa do Sul, vizinha de Lourenço Marques. Chama-se esse livro: «Adamastor», o que é uma victoria poetica da nossa acção descobridora e, ainda, um fruto de Camões.



Manuel de Figueiredo, que é sobrinho do mestre de historiografia artistica portuguesa, José de Figueiredo, vai publicar um livro de poesia em prosa, «A monja e o rouxinol» inspirado nos nossos romances populares. Será a prova dum valor literario que tem vivido ignorado do grande publico mas que continua, com uma alma propria, um genero que teve o seu mestre em Antonio Patricio.

LIVROS PUBLICADOS

—Apareceu ha dias, nas livrarias, o II volume da «Revisão», anotações á margem da vida cotidiana, do sr. dr. José Bacelar.

—A distinta escritora D. Alice Ogan-do, publicou, numa elegante edição, um volume de novelas, que se intitula: «Onze historias e um sonho».

—XII fasciculo da Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira, que completa o primeiro volume da notavel obra cultural, que está sendo editada pela Empresa Nacional de Publicidade.

TRES SONETOS de Elizabeth Barrett Browning

A grande poetisa inglesa, cuja vida anda agora pelos teatros e écrans, tem com Portugal uma ligação affectiva muito profunda. A sua colecção de sonetos chama-se: «Sonetos da Portuguesa», porque assim chamava á poetisa seu marido e grande poeta Robert Browning. E esse nome vinha-lhe de ter sentido e cantado os amores de Camões e de Natercia. Tudo isso foi agora recordado pelo dr. Ricardo Jorge, em artigo no nosso colega «Diario de Noticias». O que o illustre escritor ignora é que um poeta brasileiro, Manuel Bandeira, traduziu três dos sonetos de «miss Ba». E sendo esse poeta um mestre do modernismo, veja-se como foi classico na tradução destes sonetos que dir-se-iam camoneanos.

*Amo-te quanto em largo, alto e profundo
Minh'alma alcança, quando transportada
Sente, alongando os olhos deste mundo,
Os fins do Ser, a Graça entressonhada.*

*Amo-te em cada dia, hora e segundo:
A' luz do sol, na noite sossegada.
E é tão pura a paixão de que me inundo
Quanto o pudor dos que não pedem nada.*

*Amo-te com o doer das velhas penas;
Com sorrisos, com lagrimas de prece,
E a minha fé de infancia, ingenua e forte.*

*Amo-te até nas coisas mais pequenas.
Por toda a vida. E, assim Deus o quisesse,
Ainda mais te amarei depois da morte.*

*As minhas cartas! Todas elas frias,
Mudo e morto papel! No entanto agora
Lendo-as, entre as mãos tremulas o fio
Da vida eis que retomo hora por hora.*

*Nesta queria ver-me—era no estio—
Como amiga a seu lado. Nesta implora
Vir e as mãos me tomar... Tão simples! Li-o
E chorei. Nesta diz quanto me adora.*

*Nesta confiou: sou teu, e empalidece
A tinta no papel, tanto o apertara
Ao meu peito que todo inda estremece!*

*Mas uma... O meu amor, o que me disse
Não digo. Que bem mal me aproveitara,
Se o que então me dissesse eu repetisse...*

*Parte: não te separas! Que jamais
Sairei de tua sombra. Por distante
Que te vás, em meu peito, a cada instante,
Juntos dois corações batem iguais.*

*Não ficarei mais só. Nem nunca mais
Dona de mim, a mão, quando a levante,
Deixará de sentir o toque amante
Da tua,—ao que fugi. Parte: não saís!*

*Como o vinho, que ás uvas donde flui
Deve saber, é quanto faço e quanto
Sonho, que assim também todo te inclui.*

*A ti, amor! minha outra vida, pois
Quando oro a Deus, teu nome ele ouve e o pranto
Em meus olhos são lagrimas de dois.*

O jogo das nações

Este jogo em que apresentamos envolvido o velho continente podia muito bem servir para a Europa de hoje, com umas pequenas alterações, atendendo á evolução da politica dos povos.

Foi por mero acaso que o encontramos num velho calhamago, na secção dos reservados da Biblioteca Nacional, no decorrer das nossas investigações historicas.

O nome que as assina e, portanto, o seu autor é um tal Fonóz, que pelo nome não perde.

Eis o jogo dos «Principes da Europa na guerra presente»:

Diz a Prussia—Faço-me só e se acho os trunfos de medida vou á geral.

Diz a Hungria—Tenho todo o jogo contra ele, eu o farei repór.

Diz a Saxonia—Não jogar com azar e perder com chalupa.

Diz o Imperio—Joguem os de como certo esta vez, a fim de salvarmos os nossos trunfos.

Diz a Suíça—Eu ajudarei ao Cudilho, ainda que, contra a regra do jogo, e não guardarei desta vez os meus trunfos para o fim, como fiz das outras vezes.

Inglaterra—Eu estou para mudar de cartaz.

Holanda—Se eu tivesse um rei, poderia eu entrar, mas, o que hei de fazer com uma sota acompanhada sómente de um pequeno trunfo, só creio que é melhor passar.

Diz a Suecia—Virão-se-me as cartas, metem-me na Baralha.

Diz a Polonia—Se eu jogasse a seu tempo os meus trunfos, teria impedido que me cortasse o meu rei meo, o costume que tenho de não apartar as minhas cartas, faz com que jogue uma carta por outra, tudo com a grande ambição que tenho de conservar os meus trunfos me faz fazer erros sobre erros.

Diz a França—Fizeram bem em me chamar, que eu tenho a força dos trunfos na mão, estão bem as trapas-sas do jogo, porém, desta vez, eu prometo jogar lisa e lousavelmente.

Diz a Dinamarca—O Bolo é muito grande.

Diz Castela—Estou melancolica, mas eu julgo-me com azar, e assim quero sómente vêr como se joga.

Diz Portugal—Eu joguei com o Passado um terrivel jogo, que me arruinou e tirou para muito tempo o poder de ter gosto de jogar.

Diz a Sardenha—Querem que eu entre mas, ainda não é tempo, porque os finos jogadores, como eu, nunca entram senão com jogo seguro.

E nada mais diz o velho manuscrito.

ALBINO LAPA

DO HERMETISMO DA POESIA MODERNA

(Continuação da pagina anterior)

E se a emoção está ausente ou representa um papel secundario na obra do escritor, cedendo o primeiro lugar ás coisas da intelligencia, o melhor que este tem a fazer é escrever prosa. Porque em prosa pode ser-se um altissimo poeta, mas desde o Lucecio a Sully-Prudhomme, por exemplo, nenhum poeta didata ou filosofo se dispensou de fazer versos—e perfectos. Que não se respeitem as regras, que se desdenhem os canons do hermetismo e da cesura, a forma e a receita da escola, perfeitamente de accordo. Que se despreze a rima como um artificio inferior, nada tem de extraordinario. Mas ha a musica, o ritmo, que está ligada á essencia já não digo da poesia, mas dos versos. Ou então será melhor pôr no antecedido dos livros uma indicação como esta ou semelhante:—«poesia impressa numa disposição caprichosa, com linhas de impressão maiores e outras mais pequenas». Ficar-se-ia sabendo não se tratar duma questão de Arte mas apenas dum caso de desperdicio de papel que interessa as tipografias e os editores.

* * *

Sinto-me arrependido de ter escri-

to as linhas que ali ficam. A falar a verdade não sei bem porque as escrevi. Que interessa á estuante vida literaria portuguesa, a opinião dum pobre homem como eu? Receio que me supunham «coriaceo» incapaz, de compreender as novas formas de pensamento e de Beleza. E desde já, reconheço que as minhas pobres opiniões valem o que vale o autor—um rato de cartorio fazedor nas horas vagas de corriqueiras comedias. De resto é natural que eu pense assim. Estou a roçar pelo meio seculo e isso tira-me a capacidade para novas admirações. O meu gosto estagnou. A proposito me lembra que em outubro do ano passado eu estava no campo entre pinhais, ao pé do mar.

Os tribunais iam abrir, começava a Vida e eu precisava voltar para Lisboa. E voltei, uma manhã, muito cedo, antes de romper o sol, percorrendo duas leguas até chegar á estrada onde me esperava o automovel, ao chouto lento dum cavallito manso, por caminhos de areia, entre pinhal cerrado e mato de rosmão, estava e piorno que cheirava bem. Os, a adoravel manhã! Luziam ainda algumas estrelas no ceu muito claro. A' minha direita, a espaços, avistava-se o mar, muito azul, deserto, infinito, como

que num ar expectante de quem aguarda o sol. Lembro-me que uma ave atravessou o meu caminho voando alta, com um vôo de seta despedida do arco e cantando. E eu então recordei estes versos:

Vai despontando o rosicler d'aurora
O azul sereno e vasto
Emp. lidece e cora
Como se Deus lhe desse
Um grande bello luminoso e casto;
A estrela da manhã
Na altura resplandece
E a cotovia, a sua linda irmã
Vai pelo azul um cantico vibrando
Tão limpido, tão alto, que parece
Que é a estrela no ceu que está cantando

Decididamente eu sou já bastante velho. Estes versos foram escritos num periodo de decadencia nacional que não se compara, com o que atravessamos. Mas eu teimo em continuar pensando que versos e poesia devem ser sempre, sempre, qualquer coisa de parecido com isto.

Pelo menos com um arsinho de familia. E esta constatação é, talvez, a unica coisa bem pensada deste artigo.

RAMADA CURTO

Dez minutos **UMA NOVELA**

com

**Fernando Campos**

Fernando Campos é um escritor da chamada *direita revolucionária*. Discipulo espiritual de António Sardinha, a sua obra divide-se em dois aspectos: a política e a histórica. Na primeira, ha alguns volumes que, embora não nos interessem directamente, revelam, no entanto as qualidades dum polemista incisivo e brilhante, que sabe defender as suas idéas, indo por vezes além do que elas valem.

No segundo aspecto, Fernando Campos, mais sereno e talvez mais valioso, subscreeveu já uma serie de bons estudos, entre os quais se devem destacar *Frei Fortunato de São Boaventura* e *Camilo Castelo Branco*. Como anatomias de figuras impõem-se ao leitor culto, fornecendo-lhe preciosos elementos de interpretação literaria.

Eis o que nos diz Fernando Campos:

—Como trabalha?
—Trabalho constantemente, sem perder tempo, pois todas as horas me servem para ler, para estudar, para pensar. A vida é curta e plena de obstáculos para quem pretenda trilhar os largos caminhos do espirito. E' de Montaigne esta confissão que poderá ser repetida por quantos labutam com consciencia na vasta seara das letras: *Ce que j'ai à faire avant de mourir, pour l'achever tout loisir me semble court*. Mas os deveres profissionais só me permitem escrever de noite, enquanto os outros dormem ou se divertem, quando o silencio nos envolve e as horas correm mais lentas.

—Que época da historia prefere?

—Todas me interessam, porque sómente do seu conjunto nos surge o panorama acabado, completo, da vida nacional. Mas sinto-me especialmente atraído para o estudo das origens e formação da nacionalidade, e para o do século XIX, em que a unidade espiritual da Patria entrou a dissolver-se por via daqueles erros do Norte de que já Frei Manuel do Cenaculo advertia prudentemente devermos a Deus toda a preservação.

—Que obras prepara?

—Estou trabalhando no terceiro volume do *Pensamento contra-revolucionario em Portugal (século XIX)* e num ensaio critico e biografico sobre a figura do historiador, economista e panfletario que se chamou José Acurio das Neves e que foi também um dos melhores precusores do nacionalismo português no século passado. E' uma obra de justiça arrancar a sua memoria ao esquecimento em que tem jazido.

—Não anunciou também um esboço historico do regime corporativo em Portugal? E um estudo intitulado *A figura prodigiosa de José Agostinho de Macedo*?

—Anunciaram-se, com efeito, mas trata-se de materia tão vasta, de tanta responsabilidade, e que requiere tanta leitura e tão demorada investigação que só depois de publicados esses ensaios poderei meter ombros a um empreendimento para cuja tentativa serão precisos alguns anos de trabalho persistente. As obras de Historia não se improvisam: constroem-se a pouco e pouco com carinho e devoção.

Tenho vinte e oito cartuchospor **EUGENIO VIEIRA**

Succede-me algumas vezes, ao rememorar o passado, não poder determinar com precisão o lugar onde estive e onde verdadeiramente se deu esta ou aquela peripecia ou se passou estét ou aquele episodio.

Contraria-me isso, francamente.

Porquê? Porque o episodio perca alguma coisa do seu valor real, devido a não lhe dar, exactamente, a topografia, ao lado do costume ou da paisagem? Não, decerto. Então, quê? E' uma questão de hábito, que, por muito enraizado, não posso alienar de mim — o do amor á veracidade.

Onde é a Quinta do Caldeirão? Eu sei lá agora como rigor, o ponto onde isso fica! Dir-vos-ei, no entanto, que é na serra alentejana, a sul, a descambar para o Algarve, a umas três ou quatro leguas de Ourique, e olhem que já não é mau como ponto de referencia dado por um ex-vagabundo da montanha...

Eu e meu pai, numa das nossas viagens pedestres — tinha eu então quinze anos! — chegámos lá, por um dia calmoso de junho, com sol a pino.

Um monte grande, mas vulgar, entre tractos de seara para uma banda, montado e penedos para outra; chapadas de cerros oujas ravinhas enfiadas umas pelas outras; cheiro a restolho e resina de esteval; grãos de quaisquer aves de rapina librandose no azul; chalarada áspera de picapões á mistura com chafra-náfra de corvos e gralhas, e o ladrir angustioso dos cães, que, o mais de longe, logo que o faro lhes pressente transeunte, o anunciam, com os mesmos receios e cautelas que se o pressentissem de noite...

E' que o lugar é ermo, e os caminhos, entre mato, são voltas tenebrosas onde, a cada passo, se recela o malfetor.

Os senhores nunca viajaram a pé, solita-

Quantas coisas, desse simples caso tão fortuito, podereis pensar em vosso culdol...

E, no entanto, esse susto pelo indefinido, esse reflectir sobre o misterio, foi-vos uma diversão. Distrahi-vos. Mas, logo voltou o silencio. E o seu peso — maga, como vos esmaga a altura da montanha, que fitais, a pino; como vos esmaga, ao alto, o céu azul como um grande sorriso que não alcançais, o céu deserto, riso pacifico mas também escarminho, pois se ali, no fundo vale, um mal-intencionado ou um facinoroso vos atacasse, de que vos serviria aquele riso lirico do céu?...

Onde será o monte? Estará ainda longe a quinta? Eis as perguntas que, umas vezes vos fazem estugar o passo e outras vos fazem relancear longe o olhar que os panos de serra tapam, emparedam, barram, abismam, convertendo a nossa aspiração de luz localizada, na sombra dum ininterrupto, tenebroso, assustante misterio.

Oh! a solidão dos vales profundos, onde os regatos secaram, e onde se vêem, como exclamações gritantes de fogo, as flores inebriantes dos alcendros — linguas de labaredas floridas! E, ao lado, as pedras secas, que se escalonam onde de inverno a agua formava gárgulas; as pedras que, ora, o sol berrante e atrabiliario cresta!... Oh! o olhar de saudade, deitado ao alto, ao céu inclemente, silencioso, a um tempo convidativo e inexpressivo, na sua grandeza e misterio esfingico!

E o arripio espinal ante os ruidos insólitos e os agravos do proprio silencio, que, só por nada ser, nos amedronta!

No ermo não ha nada vital que nos acompanhe. Talvez por isso mesmo, a alma, que tanto precisa de estar acompanhada, cria



rios, por entre brenhas, por vales sombrios, nas montanhas desertas, onde um al que se solte ninguém o ouve? Onde o ruido dos proprios passos nos amedronta, tão profundo é o silencio!

Não? Pois então não sabem o que ganharam!...

No silencio dos ermos a vida não é vida. Tem uma outra explicação. A vida é só recelo e nada mais. Cada passo que se dá é, ou pode ser, um avanço para o abismo, para a morte, para o nada. Caminhar em tais condições, inerte e solitario, é entregar a vida ao acaso; é deixar levar-se pelo eu sem saber para onde ele nos leva, é embrenhar-se, de dia e em pleno sol, numa especie de cerração densa ou mesmo numa espessa treva, por que é marchar no desconhecido e para o desconhecido.

Uma rajada de vento arrasta as folhas? Se foi atrás de vós que isto se deu, não vos podereis eximir a voltar o rosto á recta-guarda, porque o vento, agitando as folhas secas, dá a perfeita idéa de passos que as pisam...

Um reptil rastreou no mato? Quem será que se aconcha ou se levanta?..... Uma pedra rolou do alto da serra? Quem a despenharia? Qualquer fera que, no seu fojo, melhor se agite ou acoite? Um pastor que, escondido atrás de alguma fraga, a fez rolar para se entreter? Um malfetor que vos queira esmagar? Um simples acaso de desprendimento? O méro arrancar duma raiz já abalada, por algum pequeno roedor, onde a pedra, quasi solta, repousava?...

milhões e milhões de receios e presunções, que são outros tantos seres, que se apresentam como uma cohorte de fantasmas...

Felizes daqueles que nunca sentiram, a flor da epiderme, a agressão do Nada!

O silencio, na solidão, tem mil bocas que nos ameaçam, e os montes pacificos mil armas desconhecidas que se nos apon-tam!

Tudo o que aí fica eu sentia que me rodeava, naquela manhã quente de junho, a caminho da Quinta do Caldeirão.

Quando demos a ultima volta ao estreitissimo atalho que lá nos conduzia, ao dar com os olhos na parede branca, vi destacar-se ante ela, um como colosso em traje de mulher, mãos nas ancas e pés descalços, fitando-me sobranceiramente, postado a meio do terreiro.

—Jaquina! Gentel!... — bradou a estranha figura de mulher, na mesma posição, fortemente pegada ao solo, tão ausente de movimento, que dir-se-ia ter falado sem mexer os labios...

—Vou, Ortense! — respondeu uma voz maviosa de mulher, enquanto uma cabeça forte, de rosto rosado e extensos cabelos desprendidos por sobre ombros semi-desnudos, passava no umbral.

E assim ficaram ambas, enquanto eu e o meu companheiro nos aproximavamos.

—Óra salve-as Deus! disse meu pai.

—Bons dias! — disse-lhe: eu.

—Venham com Deus! — respondeu aquela mulher. E, de seguida, muito rapido:

—São tendeiros? O que vendem?

A outra, também hercúlia, também descalça, aproximou-se da soleira, e, tal qual a primeira, tudo era observar e medir-nos com os olhos.

—Não somos tendeiros, não, senhora — disse meu pai.

—Somos viajantes! — acrescentei eu, para elucidar, e fui prescrutando o pouco de interior da casa que via: do fundo uma grande arca de castanho; por cima desta e dependurada de bandeira uma espingarda; outra arrumada a um canto; a meio da casa duas tripeças de azinbo; na parede lateral uma cómoda e cadeiras de fundo de atabua, e, nas quatro paredes, quatro litografias representando as estações do ano.

Mas — oh! meus inquietos quinze anos! — o que mais me atraía, onde eu mais demorava os olhos, era nos rostos das duas mulheres... Que finura de pele! Que brilho no olhar! Que porejar de saude! E pensava: Afinal, a vida aqui dev. ser, bela! Como estas mulheres são fortes! Que dorsos, que ancas, que braços roliços, que bustos fartos, que lábios vermelhos e sensuais! E, sem saber porquê, ocorreu-me que já tinha buço, que no ano antecedente, tinha dado pela muda da voz, e que, se pudesse, se alguma delas deixasse, seria capaz de adormecer com a cabeça reclinada no seu ombro ou no seu regaço.

Certamente eu olhava-as com exagerada curiosidade, ou alguma coisa além do normal se denunciava no meu sorriso, porque a primeira que eu viira adiantando uns passos para a soleira, pôs a larga mão na madeira do umbral, virando-se de flanco, e exclamou, em voz alegre e clara e ar ladino:

—Ah! Jaquina! O rapazinho está a tirar-me o retrato!...

Corei até ás orelhas, mas não deixei de responder:

—Se lhe parece!... Tivesse eu aqui uma maquina!... Olhe que bem o merecia!...

Ela envolveu-me num olhar entre altivo e trocista, um olhar em que parecia querer dizer-me:

—Se te pegasse ao colo, como serias leve nos meus braços!...

E áquele tempo, eu pensava:

—Como seria belo viver a teu lado e dar-te muitos beijos! Contemplar vezes sem conto o teu dorso e o teu busto! Mirar e remirar esse rosto tão belo e tão fresco!...

O meu pai olhava-me com sorriso satisfeito, como se estivesse a ler no meu pensamento.

Já notaram a bulgosa satisfação da ave, quando, pela primeira vez, o ninhêgo filho ensala o seu primeiro vôo? E' a ocasião de ter toda a alma no olhar...

A de dentro interveio:

—O rapaz tira-te o retrato e o homem está a gostar de o vêr...

—A senhora desculpe, mas, quantos anos tem?

—Quantos me dá, meu pequeno?

—Aí uns vinte e dois...

—Enganas-te. Dezanove...

—E já com esse corpo?! Como cresceu tão depressa e tanto?...

—Aqui, no fundo do vale, a olhar o céu, lá em riba, lá muito alto!...

—Compreendo. Como as plantas, que são mais altas quando buscam o sol...

—Não te entendo, pequeno — me espondeu.

—Pois vou falar de modo que me entenda: Não tem medo de morar aqui, neste ermo?

—Medo de quê?! — sorriu ela, olhando a outra, que sorriu também, e em voz como cantante, em que havia troça:

«E se ha mais algum ou alguns? Ortense, tens medo? Tenho vinte e oito cartuchos!...»

Riu argentinamente, e após continuou:

—Sabemos lá o que é medo eu e a mana!

—E' sua mana, então? — disse eu apontando a outra, que não era menos forte nem menos bela, e que tinha a mais que a primeira, a demonstração dos ombros semi-desnudos...

E' verdade: querem, decerto, os traços.

Só muito á larga lhes poderei dar, que a mais não chegam, desta vez, as minhas reminiscencias: Eram dois rostos brancos e rosados; brancos sem deslumbramento e rosados sem exagero. Nada de angulosidades nas faces; nada de rugas: testas lisas, testas serenamente olimpicas, testas de gente sem cuidados; fronte, enfim, de Venus campestinas; olhos brilhantes, transparentes, duma transparencia de agua-de-fonte serrenha em quietação; sorrisos francos, que entravam pela alma como o sol entra

(Ver continuação na página seguinte)

«CORES DO MUNDO»

Nas montanhas do Libano



EDUARDO DIAS

Eduardo Dias, que é um espírito inquieto, avido das grandes paisagens e dos monumentos de pura beleza, reuniu agora num livro, que é um maravilhoso roteiro de emoções e de impressões, os seus apontamentos sobre as viagens que realizou á Grecia, Egipto, Siria, Libano e ao Mediterraneo.

O livro intitula-se, numa deslumbrante «feerie», «Cores do Mundo». Eduardo Dias, com uma pena aparada pelo melhor estilo, descreve-nos, admiravelmente, em prosa chela de sensibilidade, todo o encanto, toda a beleza, todo o misterio do proximo oriente.

A Grecia de hoje merece-lhe paginas duma admiravel claridade. Vê-se que é um observador arguto, que sabe, rapidamente, identificar o documento humano e descrever, em tintas exactas, o seu meio ambiente. Por vezes, numa ou noutra evocação, o autor dá-nos o mundo antigo da velha Helade, com os seus filosofos de prudentes dizeres, os seus templos de doirado panteão, coroando as colinas sagradas, e o seu povo

de artistas e de aedos, em estreita comunhão espiritual. O Egipto, a Siria e o Libano são, flagrantemente focados, por Eduardo Dias que, nesta obra, de actualidade palpitante revela as qualidades dum cronista verdadeiramente modelar.

Transcrevemos ao acaso alguns trechos das «Cores do Mundo»:

Quere ver os drusos?

—E isso onde é?

—Não é isso; são eles... Lá em cima, no Auram.

Pois lá fomos ao Auram.

Os franceses fizeram construir uma excelente estrada até esta trinchira natural, que cinge um planalto estratégico a 1.500 metros de altitude, abrigado das lavas do Leja e do Safel.

Os drusos—que outrora habitavam no Libano, perto do Mediterraneo—instalaram-se nesta crista selvagem, então inacessível, em 1860, quando a França interveio e fez cessar o massacre impiedoso a que eles condenaram os maronitas, sob o pretexto de divergências religiosas. Debalde os turcos pretenderam posteriormente desalojá-los, ou, pelo menos, dominá-los. Por seu turno, a França, levou um ano, de sangrentas lutas—1925-26—para acalmar aquela raça dura.

E, afinal, os drusos são uns cinquenta mil—se tanto!

Fortes, ágeis e bem desenvolvidos, têm fortemente acobreada, os drusos são facilmente reconhecíveis entre esta multidão que aqui formiga, vociferando e gesticulando, em algarazara atordoadora.

Eles permitem que libaneses, sirios e auranitas partilhem do seu reduto, porque necessitam de cordeiros, funileiros, pedreiros, ferreiros, enfim, de todos os mesteres, e os drusos são apenas agricultores, alguns,—e guerreiros, todos.

O espirito extremamente belicoso desta raça viril e ferozmente ciosa da sua independencia, levou a França a julgar mais prudente deixar-lhe a sua autonomia, ouvindo sempre os respectivos chefes feudais. E verificada a inutilidade da força, passaram os franceses a explorar habilidosamente um filão de guerreiros natos, organizando magníficos esquadrões. Mas aqueles diabos, excessivamente nervosos e brutais, são difíceis de manobrar: para eles tudo são batalhas de alto estilo e não há disciplina que os contenha. Onde chegam, como crianças turbulentas, arrazam tudo...

* * *

Vou passando, cauteloso e simulando indiferença, ante aquelas habitações rudimentares, mas limpas. Noto que a uniformidade monótona das edificações não tem a suavizá-la a mancha garrida, ou impo-nente, de um templo ou de um monumento. A explicação encontra-se nos costumes da tribo:

Os drusos falam o árabe mas admitem uma crença em que há qualquer coisa islâmica e um clima cristão. Adoram um deus unico e acreditam na metempsicose, isto é, na fusão da alma com o Imá—o primeiro dos anjos—quando depurada e perfeita. O curioso é que, não praticando culto religioso, possuem no entanto ministros da crença, e divididos em 5 classes.

Entre eles é familiar o principio geral de direito, segundo o qual a ignorancia da lei não aproveita ao infractor. Vão, porém, mais longe: a ignorancia total e o crime são punidos de forma identica—a tortura e a morte.

Grupos conversam animadamente ás portas, lançando-me olhares pouco tranquilizadores. Observo a bizarra indumentaria: os homens, longa túnica presa com um forte cinto—do qual pendem numerosas ar-

mas—grande albornós e turbante branco. As mulheres usam túnica azul e o cabelo dividido em tranças ornadas de pequenas moedas ou rodellas. Plenas de vivacidade, como os homens, algumas são graciosas.

Os drusos são monógamos e têm na mulher uma colaboradora ideal: são elas que dirigem e ajudam a cultura do bicho da seda, o amanho da vinha e da oliveira, a preparação do tabaco. Em contrapartida, usufruem o privilegio de serem os unicos entes—e o caso não é privativo do Jebel...—capazes de domar aquelas feras...

A ver:

O problema da agua no planalto—que assenta sobre camadas vulcanicas, era grave. Os franceses pretenderam resolvê-lo, mas os drusos recusaram-se a trabalhar.

Pudera! Se tinham as mulheres para a conduzir em latas, embora palmilhando distancias enormes...

Um ardil venceu as resistencias: os franceses conseguem que as drusas se encarreguem de resolver o assunto—nos respectivos lares.

Golpe certeiro!

Alvorçada a paz doméstica, apparecessem picaretas que já não faltavam braços...

Surge, porém, outro incidente:

Quando foi anunciado que seria construída uma fonte no centro da vila, e que a água poderia mesmo ir pelo seu pé aos domicilios, insurgiram-se as mulheres!

—Com que direito privavam as canéforas do seu unico passelo e das imprescindíveis tagarellicas?

Negociações. Arbitragem. O governo concordou, afinal, que o chafariz fôsse construído a algumas centenas de metros da vila.

Ce que femme veut...

(Do livro agora publicado, Cores do Mundo, de Eduardo Dias).

TENHO VINTE E OITO CARTUCHOS

(Continuação da pagina anterior)

por janelas abertas; uns gestos calmos, lentos; uns movimentos largos e seguros—marcha ritmicamente vital de quem não sofre de nervosismo nem inquietações. Mas vozes um tanto cantantes, mas pausadas, onde havia não a musicalidade continua das vozes da beira-mar, mas o cavatinar cortado das vozes serranas, como se nelas se desenhasses, em vez do murmúrio continuo das ondas, os sons modulantes mas cortados do vento, cuja voz se insinuava em intercessões de descante, dividido em rajadas...

Cada individuo participa, desde que nasce, de tudo o que o rodeia? Elas compar-tilhavam do envolver ambiente da ser-rania: largueza de modos como as linhas coeletes da montanha; risos claros e francos como as abertas do céu azul por sobre os montes.

Mas... o que cada vez mais atraía os meus olhos, era os braços de Ortense, uns braços brancos, possantes, de sangradouros largos, onde havia grossas veias azulinhas, tais quais certos veios azulados nalgumas estatuas de mármore.

Mas, não esqueçamos o dialogo:

—E' minha mana, pois! o que haverá dela ser?...

—Não têm, então, mesmo medo nenhum, de viverem aqui, tão sós?—insisti. Não re-olam sequer os ladrões?

—Ah! bom!... E as espingardas? Oh ela!...

—Sabem atirar?

—Como as melhores, pequeno!... Jaqui-na assenta uma bala em qualquer toca de sobreiro, nem que seja a mais pequena, a mais de cem metros. E eu? Isso é outro pano! Atiram uma moeda de cinco reis ao ar, aponto, disparo e... adeus ó moeda!...

—Para onde vai?

—P'ra donde? Ah! bom! A caminho do sol. Nunca mais se vê!... A's vezes aparecem aí, quando revolvem a terra... tão furadas, tão rebentadas... coitaditas!... Queres ver uma?

—Mostre!

Ortense foi até á comoda, abriu a gaveta e trouxe duas moedas de cinco réis. Examinai-as. Estavam amachucadas de modos diferentes.

—Está contando um romance!...

—Ah! bom!... E' das balas... Admira-se? Vai ver!... Jaquina! trás a arma!

Confesso-vos que me arrepiel. Pensava: E se fosse tonta esta selvagem?

—Trás os cinco réis!—bradou para a irmã.

—Hoje, só tenho vintens—respondeu a outra.

—E' pena!—disse Ortense, e voltando-se para nós: Tem vomecês cinco réis?

—Só vintens!—líha respondi eu. Espere... Tenho aqui dez réis.

—Isso serve. Atina-os bem ao alto. Sabes? Atirei-os com quanta força tinha.

Ortense, que já tinha a arma á cara, de olhar firme, mediu bem o percurso da moeda e, rapido, disparou. A moeda desapareceu, mas, momentos depois, senti-se cair. Corri a apanhá-la. Estava amachucada, tendo ao centro uma cová ameaçando furo.

—Perfeito?—disse eu.

—Completo!—sorriu meu pai, e acrescentou: Já tenho morto perdizes, no ar, com zagalotes, agora, dinheiro, assim, com tal perfeição, confesso que nunca matei...

—A zagalotes—disse ela— só sei matar pi-canços e grialhas. Só os corvos não atiro. Acho graça aos seus coas... Parecem uns bebados aos saltos...

Insisti na pergunta que me obsessionava:

—Apesar de tudo, teriam medo se vissem sós? Devem ter pai e mãe!...

—Pai e mãe? Já não temos!—me disse Ortense, um tudo nada sentimental. Vivemos com um irmão e dois criados. São marido e mulher. Mas, já aqui vivemos sós...

—Seu irmão sempre se defenderá!...—ar-risquei com certa timidez.

—Meu irmão?! Olha ela!... (Era um es-trébilho então em voga na serra). Meu irmão tem mais que fazer...

—Bebe e dorme que se regala!—disse num encolhimento de ombros Jaquina.

—Quere ouvir uma historia? Mas olhe que foi passada!...—me disse Ortense.

—Se m'a quere contar...

—Bem. Ha dois anos fomos á villa, os três. Era no tempo de não termos criados. Alembra-me como se fosse ainda onte. Um domingo de Pascoa. Assistimos á missa, fizemos mercas, e, como o Artur,—o nosso mano chama-se Artur—como o Artur, ia eu dizendo, estivesse já muito pingado, farti-nhas de esperar por ele, voltámos bastante tarde. No caminho, era já noite fechada, e bastante escurinha, vamos lá!... Eu e a Jaquina bem o animavamos. Mas qual!... Es-tava como um cacho! Não se podia ter!...

Que faremos?—me perguntava a Jaquina. Eu nunca me atrapalho. Respondi: Não podemos levá-lo ao colo. O macho que o leve!

E vai daí, diz-me a Jaquina:

—Não se aguenta no selim!

—Amarrá-se!—respondi. E dito e feito. Homem deitado e amarrado, amarrado a preceito, já se sabe, e ele lá vai a dormir como um santo... Andámos, andámos, de es-pingardas ás costas e cartucheira á cinta...

Parecíamos dois soldados... Tudo corria sem novidade. Nada ouviamos, além do vento a ramalhar, o ressonar do mano, e, uma que outra vez, o espirrar do macho. Mas, mal chegámos ali ás Lombas do Camascal, um sitio medonho, bom p'ra demongres e bruxas, um sitio por donde vomecês hoje pas-saram, adonde o caminho era mais embar-racado, oigo uma voz:

—Faça alto!

Era da parte esquerda. Tirei a arma do om-bro. Mas logo ouvi outra voz, da direita, mais perto:

—Alto e já!...

Pareceu-me ver mecher uma sombra. Po-nho a arma á cara, disparo. Ouvi um at!

Mas que senhor ali!... Em seguida um trupo, como de segredo que cal. Aponto então á es-querda e zás! Disparo. Oigo uma rastolhada, assim de quem foge p'lo esteval. Corre, Ja-quina, bradei. Dá conta dum, que eu já a dei do outro!... Jaquina disparou ao acaso.

Preguntou-me:

—E se ha mais algum ou alguns?

Ortense, mais medo?—respondi á mana.

Tenho vinte e oito cartuchos!... Disparámos mais tiros, uns p'ro chão, outros p'ro ar. De quando em quando, dois, três, ás vezes mais. Foi um entretém até casa. Era madrugada, quando chegámos.

—E seu irmão?—perguntei.

—O macho o levou. Encontrámo-lo a dor-mir em cima dele como um justo, aqui mes-mo, á porta, aí no terreiro.

—E não deu por nada?

—Levamo-lo em braços p'rá cama. E de manhã, estou ainda a vê-lhe a cara de pascoas, quando lhe contámos o acontecido. Tudo era mirar-nos e remirar-nos, e bocejar, e foi assim, tal e qual, que ele nos arres-pondeu:

—«Por isso eu ouvia a modos dum estor-rar de foguetes! Mas pensava que era ainda lá na festa...» Pois a festa não tinha sido má!... e os foguetes quem os tinha deitado todos eram eu e a Jaquina!...

—Nessa noite é que, com certeza teve medo!—disse eu a Ortense, esperando apa-nhá-la em contradição.

—Tanto como agora?—me replicou sere-namente.

—E o ferido ou o morto?—lhe pergun-tei.

—Nem mais pensámos nisso! Todo aquele que é ladrão não tem a vida na mão! Se morreu, os lobos e os corvos lhe deram sepultura... Se viveu, não lhe hão ter ficado saudades das moças do Caldeirão!...

E sabes?—reatou ela. Foi desde então que pegou uma moeda em casa, moeda que ain-da dura: e se ha mais algum ou alguns?

Ortense, tens medo? Tenho vinte e oito car-tuchos!...

tuchos!.....

Conversámos por mais algum tempo. Dé-mos-lhe a conhecer o modo como viajavá-mos e o destino que seguíamos, e despedi-mo-nos.

Ortense, que arrumara a espingarda ao canto da casa, ordenou rapido á irmã:

—Jaquina! Um pão dos grandes a cada viajante! E, mirando sorridente os seus lin-dos braços, acrescentou, envolvendo-me num olhar muito intenso e demorado:

—Foi amassado com os meus braços, pe-queno!

—E cosido por mim, ali, no nosso for-no!...—disse Joaquina, valdosamente. Or-tense sorria, e Joaquina também. E aqueles sorrisos, comunicativos, num contágio psi-quico, provocaram os sorrisos dos nossos rostos. Sorrimos todos. E, para aqueles sor-risos eu acho agora esta imagem: Era como se um sol de despedida, ao cair da tarde, se exteriorizasse, fraco e monno, a decair no poente, aflorando, num ultimo, doirado be-ijo de luz, as ravinas e chapadas dos mon-tes

Era ainda cedo. O sol do céu era mais vivo que o das nossas almas. Precisavamos apro-veitá-lo, para evitarmos as surpresas da noite em sitios tão descampados.

Não olhávamos para trás. Caminhavamos, caminhavamos, caminhavamos... Era a nos-sa vida: caminhar, caminhar, sempre.....

Quando, ao cair da noite, pousámos nou-tro monte, ainda entre serras, para pernoitarmos, e, sentados, no corredor dos bois, sobre molhos de feno, contávamos á nava-lha um dos grandes, saberosos, aromaticos páis de trigo, enquanto comíamos e eu re-cordava dos braços de Ortense, notei que meu pai estava pensativo.

—Pai? Que tal o dia de hoje?—lhe pre-guntei.

E ele, com voz pausada e olhar pensati-vo:

—Muito engraçadas as Belas do Calde-irão!...

—Bonitas!—lhe respondi. Sobretudo a Or-tense...

—E valentes!—completou ele.

—Sobretudo a Ortense—repeti...

E, como quem, em enorme prazer repeti-a uma musica estranha, que tinha no ouvido, que outra musica não era senão o metal de voz que com saudade recordo ainda, ouvi-se aquele estribilho:—«E se ha mais algum ou alguns? Ortense, tens medo? Tenho vin-te e oito cartuchos!...»

EUGENIO VIEIRA